

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA GRADUAÇÃO EM LETRAS FRANCÊS
E LITERATURAS DE LÍNGUA FRANCESA

ARIELLY DE ASSIS CRUZ

A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA E A AUTORIA
FEMININA

UBERLÂNDIA

2024

Arielly de Assis Cruz

**A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA E A AUTORIA
FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Graduação em Letras: Francês e
Literaturas de Língua Francesa do Instituto de
Letras e Linguística da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Letras:
Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Natália Aparecida Bisio de
Araujo.

Coorientador: Leandro Silveira de Araujo.

UBERLÂNDIA

2024


ARIELLY DE ASSIS CRUZ

**A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA E A
AUTORIA FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Letras: Francês e Literaturas de Língua
Francesa do Instituto de Letras e Linguística
da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para a obtenção do
grau de licenciada em Letras: Francês e
Literaturas de Língua Francesa.


Uberlândia, 18 de novembro de 2024

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **NATALIA APARECIDA BISIO DE ARAUJO**
Data: 26/11/2024 15:43:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof^ª. Dr^ª. Natalia Aparecida Bisio de Araujo (orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente
 **LEANDRO SILVEIRA DE ARAUJO**
Data: 26/11/2024 15:51:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Prof. Dr. Leandro Silveira de Araújo (coorientador)

Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente
 **MARIA SUZANA MOREIRA DO CARMO**
Data: 26/11/2024 15:21:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Maria Suzana Moreira do Carmo (examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Documento assinado digitalmente
 **NINA RIOULT**
Data: 25/11/2024 11:00:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr^ª. Nina Rioult (examinadora)

Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a quem devo tanto, a primeira pessoa da nossa família a se formar, meu primeiro e maior exemplo de educadora. Obrigada por ter ido além da imagem moldada para pessoas como nós, obrigada por pegar a caneta e reescrever as nossas possibilidades, obrigada por nunca ter parado, por ter honrado uma longa linhagem de mãos que carregavam a nossa história. Obrigada por me ensinar constantemente que não existe nada que eu não possa fazer.

Aos meus amigos, Gabriel e Carol, a família que escolhi, agradeço pela inspiração e por serem minha força durante todos esses anos. Sou profundamente grata à minha maior apoiadora e companheira, Geovana, obrigada por acreditar em mim, muitas vezes mais do que eu mesma, por tornar essa longa jornada mais leve e feliz, e por sempre validar meus sonhos, por mais utópicos que sejam.

Aos professores Suzanna, Stella, Jozelma, Kelly, Giovanni, Marli, Alessandra, Júlia e tantos outros, agradeço pela dedicação ao curso e por contribuírem tanto para minha vida acadêmica. Em especial, à Prof^a Natália Bisio, minha orientadora, e ao Prof. Leandro de Araujo, por participarem desta pesquisa e pelo carinho e empenho. *De plus*, agradeço imensamente ao Prof. Eudes, que abriu tantas portas e continua a me ensinar profissionalmente, aos colegas que fiz nesses quatro anos de universidade, aos meus alunos, que tanto me ensinam também e à *mes fidèles amis à quatre pattes*.

Enfin, merci à tous et toutes !

A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA E A AUTORIA FEMININA.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo investigar a produção gramatical francesa, com ênfase na participação feminina e nos agentes envolvidos ao longo dos séculos. O estudo se baseia na análise de um corpus de manuais de gramática coletados em bibliotecas universitárias francófonas, visando descrever quais foram os principais autores e obras que moldaram a gramaticografia francesa. A metodologia inclui a criação de um corpus documental com gramáticas de autoria masculina e feminina. Cada século é analisado em seu contexto histórico e linguístico, destacando influências internas e externas à produção gramatical. Ao longo da pesquisa, investigam-se os centros de produção gramatical e as correntes ideológicas que orientaram a formulação das normas linguísticas. A análise indica que a gramática francesa, além de ser um sistema de regras, atuou como instrumento de controle social e de imposição de valores linguísticos e culturais, consolidando a hegemonia masculina nesse campo. Identificamos uma participação feminina marginalizada, especialmente até o século XIX, com mudanças significativas apenas no século XX, quando surgem esforços mais evidentes para revisar e democratizar o acesso à produção gramatical. Assim, pretendemos demonstrar que a gramaticografia francesa é um reflexo das tensões sociais, políticas e culturais de cada época e que o estudo de sua história revela importantes interseções entre linguagem, poder e gênero. Este trabalho contribui para uma visão mais inclusiva e crítica da história gramatical francesa, evidenciando a necessidade de revisão e transformação das normas vigentes.

Palavras-chave: Gramaticografia; Autoria feminina; Língua francesa.

RÉSUMÉ : Ce travail a pour objectif d'investiguer la production grammaticale française, en mettant l'accent sur la participation féminine et sur les agents impliqués au fil des siècles. L'étude repose sur l'analyse d'un corpus de manuels de grammaire recueillis dans des bibliothèques universitaires francophones, visant à décrire les principaux auteurs et ouvrages ayant façonné la grammaticographie française. La méthodologie inclut la création d'un corpus documentaire de grammaires d'auteurs masculins et féminins. Chaque siècle est analysé dans son contexte historique et linguistique, mettant en lumière les influences internes et externes à la production grammaticale. Au cours de la recherche, sont étudiés les centres de production

grammaticale et les courants idéologiques qui ont orienté la formulation des normes linguistiques. L'analyse montre que la grammaire française, au-delà d'être un système de règles, a servi d'instrument de contrôle social et d'imposition de valeurs linguistiques et culturelles, consolidant l'hégémonie masculine dans ce domaine. On identifie une participation féminine marginalisée, notamment jusqu'au XIXe siècle, avec des changements significatifs seulement au XXe siècle, marqués par des efforts plus évidents pour réviser et démocratiser l'accès à la production grammaticale. Ainsi, nous entendons démontrer que la grammaticographie française reflète les tensions sociales, politiques et culturelles de chaque époque et que l'étude de son histoire révèle des intersections importantes entre langue, pouvoir et genre. Ce travail contribue à une vision plus inclusive et critique de l'histoire grammaticale française, en soulignant la nécessité de réviser et de transformer les normes en vigueur.

Mots-clés : Grammaire; Autorat féminin ; Langue française.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro das informações das gramáticas presentes no acervo6

Figura 2 - Registro da distribuição das gramáticas que compõem o acervo7

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Gramáticas de destaque da primeira metade do século XVI e acervos identificados..... 11

Quadro 2: Gramáticas de destaque da segunda metade do século XVI e acervos identificados..... 13

Quadro 3: Gramáticas de destaque do século XVII e acervos identificados..... 15

Quadro 4: Gramáticas de destaque do século XVIII e acervos identificados..... 19

Quadro 5: Gramáticas de destaque do século XIX e acervos identificados.....24

SUMÁRIO

1. Formação e Análise de um Corpus de Manuais de Gramática a partir de Bibliotecas Universitárias Francófonas.....	4
2. Uma investigação da gramaticografia francesa através dos séculos.	7
2.1 Início da descrição gramatical da língua francesa.....	8
2.2 A gramaticografia francesa no século XV:.....	9
2.3 A gramaticografia francesa no século XVI:	10
2.4 A gramaticografia francesa no século XVII:.....	14
2.5 A gramaticografia francesa no século XVIII:	17
2.6 A gramaticografia francesa no século XIX:	22
2.7 A gramaticografia francesa no século XX.	26
3. Formação das mulheres, o aprendizado da gramática e a gramática para mulheres..	30
3.1 Feminização de títulos e funções.	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	38

INTRODUÇÃO

Freitag (2024) afirma que, as normas que regem uma língua (ou uma de suas variantes) não são universais, nem possuem um significado fixo ou imutável; elas se adaptam conforme o tempo, os contextos e as circunstâncias. A gramática, portanto, vai além da simples descrição de uma variedade linguística: quando uma variedade é socialmente mais valorizada, e se a gramática visa o bem falar e o bem escrever, o processo de gramatização a transforma em um instrumento normativo. Essa perspectiva, abordada por Sylvain Aurox (Freitag, 2024, p.18-24), reforça o papel da gramática como uma ferramenta de regulação linguística.

Além disso, a palavra “gramática” possui múltiplos significados, refletindo diferentes abordagens para o mesmo objeto, todas ligadas à ideia de um conjunto de regras. Assim, enquanto instrumento linguístico, a gramática se configura essencialmente como uma descrição dessas regras, o que implica uma responsabilidade significativa para quem a elabora. A construção de uma gramática envolve a identificação e a organização de padrões linguísticos, os quais devem ser sistematicamente descritos e ilustrados, utilizando exemplos reais. Esses padrões emergem das experiências linguísticas dos codificadores, que analisam um corpus linguístico composto por textos modelares.

A profundidade dessa análise é enriquecida pela contribuição de Antunes (2007), que identifica cinco sentidos atribuídos à palavra “gramática”. A primeira acepção refere-se à gramática como um conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua. A segunda diz respeito às normas que regulam o uso da norma culta, enquanto a terceira refere-se a uma perspectiva de estudo dos fatos da linguagem. A quarta acepção abrange a disciplina escolar, onde a norma padrão é apresentada e confrontada, e a quinta conceituação, que mais nos interessa, relaciona-se à gramática como suporte para a descrição da língua. Assim, enquanto um tipo de “gênero do discurso”, a gramática pode assumir objetivos e características estruturais específicas.

Nesse contexto, ao investigar as gramáticas, Araujo (2020) sugere que, ao tentarmos estabelecer uma tipologia que permita agrupá-las segundo seus traços e objetivos comuns, nos deparamos com um objeto de análise que pode se alinhar mais à postura normativa, aproximando-se da norma culta. É evidente, portanto, que nosso foco de análise é a “gramática”, que funciona como o principal veículo dos conteúdos normativos.

Isto posto, é importante ressaltar que as gramáticas não são neutras ou inocentes; a escolha de uma gramática ou a elaboração de um compêndio sempre refletirá uma visão particular da língua (Antunes, 2007, p. 33). Assim sendo, por gramaticografia, entendemos a

atividade descritiva que tem como objeto as estruturas gramaticais de uma língua; no nosso caso, a francesa (Swiggers, 2015, p. 526).

Dada a extensão temporal, a tradição gramatical da língua francesa e a complexidade dos problemas abordados pelos gramáticos, podemos traçar os marcos de um longo caminho percorrido pela gramática francesa. Segundo Swiggers (2015), ela se inicia como um sistema voltado essencialmente para o aprendizado metódico, ou seja, um conjunto de regras primárias para ensinar o idioma de maneira prática, em especial para falantes de outras línguas que queriam aprender francês, focando em aspectos como a ortografia e a morfologia, e se guiando por modelos de ensino tradicionais, como os das gramáticas latinas.

Com o passar dos anos, no entanto, a gramática francesa passou por uma transformação, evoluindo para uma abordagem mais profunda e reflexiva, associada a uma filosofia linguística, impulsionada pela gramática de *Port-Royal* (1660). Não sendo somente um compilado de regras formais, mas também um reflexo de discussões filosóficas e intelectuais sobre a natureza da língua, em particular no período clássico da França. Nessa fase, o francês passou a ser visto como uma língua nobre, digna de normas refinadas e precisas, o que levou ao desenvolvimento de uma língua em que a norma culta era uma questão de orgulho nacional e cultural.

Mais adiante, ainda segundo Swiggers (2015), com o desejo de educar as gerações futuras, a gramática francesa foi organizada e simplificada para se tornar mais voltada ao uso escolar. Esse novo estágio focava em padronizar o ensino da língua nas escolas, garantindo que as regras fossem ensinadas de maneira clara e acessível, o que consolidou o francês como língua oficial e administrativa.

Sendo assim, a gramática francesa entrou em uma fase moderna, na qual a gramaticografia, naturalmente, começou a ter influência das correntes linguísticas contemporâneas. Ou seja, os gramáticos passaram a dialogar com teorias e métodos da linguística moderna, aplicando essas novas ideias para criar descrições mais precisas da língua. Esse diálogo com a linguística fez com que as gramáticas francesas se tornassem mais analíticas e científicas, refletindo um conhecimento mais aprofundado sobre a estrutura e o uso do idioma.

Mas ainda assim, apesar de possuímos uma vasta produção de gramáticas em língua francesa ao longo dos anos, se procurarmos pela participação das mulheres na produção desses textos, encontramos relativamente poucos nomes, especialmente do século XV ao século XIX. Na França, o *Corpus de Textes Fondamentaux de la Linguistique (CTLF)*¹ cita apenas duas autoras (de um total de 121) de tais textos: Marguerite Buffet, autora de um volume de

¹<http://ctlf.ens-lyon.fr> acessado em 2 de setembro de 2024. O CTLF (corpus de textes linguistiques fondamentaux) é um portal que dá acesso a uma base de notas descrevendo as principais obras dos gramaticistas e linguistas das grandes tradições linguísticas, desde a Antiguidade até ao século XX.

observações sobre a língua francesa (1668), e a renomada cientista e tradutora Émilie Du Châtelet (1706-1749), que também escreveu a “*Grammaire raisonnée*” (Ayres-Bennett, 2020).

Dentro do contexto de formação acadêmica, esta pesquisa se justifica, primeiramente, na tentativa de preencher lacunas históricas e acadêmicas menos exploradas no campo da gramaticografia, a partir da investigação da produção gramatical da língua francesa, com foco na participação feminina. Em um cenário acadêmico que valoriza a diversidade e a inclusão, reconhecer o papel das mulheres na construção do conhecimento linguístico é essencial para oferecer uma visão mais ampla e justa da história da linguística. Para além disso, ao abordar a evolução das normas linguísticas e o envolvimento feminino no processo de gramatização do francês, a pesquisa reflete a importância de debater questões de gênero nos estudos linguísticos, alinhando-se às demandas contemporâneas da academia por uma abordagem mais inclusiva e interdisciplinar.

Para tanto, fundamentamo-nos em estudos sobre historiografia linguística e gramaticografia de Swiggers (2015), nos trabalhos de Piron (2008; 2009; 2010; 2011) e Schmitt (2015), assumindo como principal objetivo descrever e analisar a produção gramatical da língua francesa, com ênfase na presença do feminino na gramaticografia ao longo dos séculos. A proposta de catalogar e analisar gramáticas foi ainda estimulada pela minha participação no MuGra (Web-Museu da Gramática), um projeto desenvolvido no Núcleo de Estudos da Norma Linguística (NormaLi), que tem como objetivo a criação de um repositório digital e interativo de gramáticas.

Dessa forma, a pesquisa busca compreender como os autores contribuíram para a evolução das normas linguísticas e de que maneira sua presença se deu historicamente, explorando a gramaticografia francesa em diferentes períodos e identificando, em especial, a inserção das mulheres em cada um deles. A metodologia adotada é de natureza qualitativa e exploratória, baseando-se em uma pesquisa documental. O procedimento de análise incluiu a identificação e catalogação de manuais disponíveis em sites de bibliotecas de universidades e centros de pesquisa internacionais, priorizando a acessibilidade dos materiais, com a seleção dos textos guiada por critérios de relevância e acessibilidade. A categorização e análise das gramáticas contemplaram informações sobre os autores, como nome, nacionalidade e gênero, além de detalhes da gramática em questão, incluindo título, ano da primeira publicação, local da primeira edição, editora e idioma. Essa abordagem metodológica permitiu a análise da contribuição feminina na gramaticografia francesa e da evolução das normas linguísticas ao longo do tempo, reforçando a importância do tema dentro do contexto acadêmico e social.

Veremos, a seguir, a formação e análise de um corpus de manuais de gramática a partir de bibliotecas universitárias francófonas. Em seguida, destacaremos as principais

características da gramaticografia francesa ao longo dos séculos e a evolução da gramática desde os tempos de John Barton (1410). Por fim, discutiremos sobre a formação das mulheres, o aprendizado da gramática e debateremos sobre a legitimidade da feminização de títulos e funções. Assim, refletiremos sobre a evolução da gramática francesa e seu impacto nas práticas educacionais e na representação feminina.

1. Formação e Análise de um Corpus de Manuais de Gramática a partir de Bibliotecas Universitárias Francófonas.

Este estudo teve início com a coleta de um corpus composto por manuais gramaticais disponíveis de bibliotecas de países francófonos. Para formar o conjunto de dados que compõem o corpus de análise, foram examinados, nos meses de outubro e novembro de 2023, os arquivos bibliográficos de 13 bibliotecas universitárias na França, Suíça, Bélgica e Canadá. Todas essas instituições possuem um sistema integrado e acessível online para consulta às bibliotecas:

1. Université Sorbonne : <https://www.sorbonne-universite.fr/bu>
2. Université de Strasbourg : <https://bu.unistra.fr/opac/.do>
3. Université de Lille : <https://lillocat.univ-lille.fr/discovery/>
4. Université de Lyon : <https://bu.univ-lyon3.fr/>
5. Université de Nantes : <https://bu.univ-nantes.fr/>
6. Université Aix-Marseille : <https://bu.univ-amu.fr/>
7. Université de Montpellier : <https://bibliotheques.univ-montp3.fr/accueil>
8. Université de Côte d’Azur : <https://humazur.univ-cotedazur.fr/>
9. Université Libre de Bruxelles : <https://www.ulb.be/>
10. Université de Liège : <https://lib.uliege.be/fr/ressources-et-services>
11. Université du Québec : <https://bibliotheques.uqam.ca/>
12. Université de Montréal : <https://bib.umontreal.ca/>
13. Université de Genève : <https://www.unige.ch/biblio/fr/trouver-des-documents/>

A fundamentação para a escolha dessas instituições considerou, primeiramente, (i) a localização geográfica: França (Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université de Montpellier, Université de Côte d'Azur); Bélgica: (Université Libre de Bruxelles, Université de Liège); Canadá: (Université du Québec, Université de Montréal) e Suíça: (Université de

Genève); (ii) o tamanho da instituição em número de alunos e cursos; (iii) a importância regional da cidade que abriga a instituição; (iv) a oferta de cursos de graduação na área de língua francesa e literaturas de língua francesa.

Além disso, desejou-se buscar uma maior representatividade geográfica, para além da costumeira centralização em Paris dos estudos de normatização da língua francesa. Nesse sentido, é importante considerar não apenas a capital da França, mas também outras cidades socioeconomicamente relevantes no país, bem como em outros países francófonos, que possam de alguma maneira exercer influência sobre a normatização da língua. Ao expandir o escopo para além das fronteiras francesas, constata-se, pelos dados do corpus compilado, que outras nações francófonas, como Bélgica, Canadá e Suíça possuem contribuições para a gramaticografia da língua.

A pesquisa também incluiu a identificação online dos recursos disponíveis em outras renomadas instituições, tais como a Biblioteca Nacional da França, a Biblioteca Científica Nacional da Bélgica e a Biblioteca Nacional da Suíça, instituições de grande prestígio e guardiãs de extensos acervos que contemplam obras literárias, científicas, históricas e culturais, as quais possuem extensa preservação de manuscritos, livros raros e documentos históricos ajudando a descrever e documentar o desenvolvimento da língua ao longo do tempo, auxiliando na manutenção e transformação da normatização do francês.

Quanto aos critérios empregados nas pesquisas às bases de dados, optamos pela modalidade de “busca avançada” devido à sua capacidade de restringir a inclusão das palavras procuradas no título do material desejado. As palavras-chave adotadas foram: “Grammaire”; “manuel”, “françois (françoise)”, “français”, “langue française (françoise)”, langue, French, “français”, “francesa”.

Catalogamos os dados das gramáticas encontradas nos acervos citados em uma tabela Excel, associando a cada entrada as seguintes informações: (i) 'Código' do item no corpus que compilamos; (ii) 'Identificação do material', incluindo sobrenome, ano de publicação e edição; (iii) Nome do(s) autor(es); (iv) ano de 'nascimento' e (v) ano de 'morte' do(s) autor(es); (vi) 'Nacionalidade' do autor; (vii) Título da 'gramática'; (viii) Quantidade total de 'páginas'; (ix) 'Ano de publicação' da primeira edição; (x) 'Ano' e número da última 'edição' encontrada; (xi) 'Cidade' e (xii) 'País' de publicação da obra; (xiii) Nome da 'editora'; (xiv) Tipo de acesso ao texto, ou seja, nulo, parcial ou total; (xv) Gênero/Sexo do(s) autor(es). A Figura 1 ilustra como os dados foram acomodados:

Figura 1 - Registro das informações das gramáticas presentes no acervo

CÓDIGO	Identificação Material (SOBRENOME, ANO, Edição)	Autor	Nascimento	Morte	Origem (autor)	Gramática (Título)	Páginas (Total)	Publicação (1 edição)	Ano/edição (seguintes)	Cidade (publicação)	País (publicação)	Editora	Acesso	Tipo (GLA, GLE, GHI, ...)	Gênero/ Sexo
GLF001	(MCBRIDE, 1997,1)	Nicole Combe	19?	-	?	Grammaire française	128	1997	1997	Vannes	França	Hachette	NULO	GLM	F
GLF002	(LOISEAU, 1989,1)	Raymond Loiseau	19?	-	França	Grammaire française	94	1989	1989	Paris	França	Hachette	NULO	GLE	M
GLF003	(GREVISSE, 2007,14)	Maurice Grevisse	1895	1990	Bélgica	Le bon usage : grammaire française	1760	1936	2007(14)	Bruxelles	Bélgica	De Boeck	TOTAL	GLM	M
GLF004	(GREVISSE, 1995,3)	Maurice Grevisse	1895	1990	Bélgica	Nouvelle grammaire française	400	1980	1995(3)	Bruxelles	Bélgica	De Boeck	TOTAL	GLM	M
GLF005	(GREVISSE, 1960,1)	Maurice Grevisse	1895	1990	Bélgica	Le petit Grevisse : grammaire française	383	1960	1960	Bruxelles	Bélgica	De Boeck	PARCIAL	GLM	M
GLF006	(GREVISSE, 1995,30)	Maurice Grevisse	1895	1990	Bélgica	Précis de grammaire française	319	1969	1995(30)	Bruxelles	Bélgica	De Boeck-Duculot	TOTAL	GLM	M
GLF007	(CHERDON, 2017, 1)	Christian Chardon	19?	-	?	Guide de grammaire française	277	2017	2017	Bruxelles	Bélgica	De Boeck-Duculot	PARCIAL	GLM	M
GLF008	(PIRON, 2013,1)	Sophie Piron	1973	-	Bélgica	Grammaire française Vol. 1. Mise à niveau : supérieur, formation continue	416	2013	2013	Louvain-la-Neuve	Bélgica	De Boeck	PARCIAL	GLE	F
GLF009	(PICABIA, 1981,1)	Léila Picabia	19?	-	?	Découvrir la grammaire française : une introduction active à la linguistique française et générale	245	1981	1981	Paris	França	CEDIC	NULO	GLE	F
GLF010	(DELAUNAY et al, 2018,1)	Bénédict Delaunay, Nicolas Laurent	19?	-	?	Maîtriser la grammaire française	191	2018	2018	Paris	França	Hatier	NULO	GLM	M
GLF011	(CAUCHIE, 1986,1)	Antoine Cauchie (Cauchis)	1535	16?	França	Grammaire française (1586) : texte latin original	544	1586	1586	Paris	França	H. Champion	PARCIAL	GLM	M
GLF012	(MAUGER, 1684,1)	Claude Mauger	16?	16?	?	Grammaire française / French Grammar	651	1653	1684	Paris	França	Classiques Garnier	TOTAL	GLE	M
GLF013	(GALICHET et al, 1960,1)	Georges Galichet, Louis Chatelain, René Galichet	1904	1992	França	Grammaire française expliquée : classes de 4e et de 3e, classes de lettres	474	1960	1960	Paris	França	C. Lavoiselle	TOTAL	GLM	M

Fonte: dados desta pesquisa.

Apesar de possuímos acesso parcial ou total a apenas parte do material catalogado nas bibliotecas consultadas, conseguimos reunir as informações apresentadas na tabela recorrendo aos dados fornecidos pelos próprios acervos ou pela pesquisa na internet. Graças à natureza específica do material, alguns dados não foram localizados, no entanto, isso não prejudicou a elaboração da análise prevista para este trabalho. Em uma segunda planilha do Excel, detectamos a frequência de cada item nos acervos bibliográficos consultados, possibilitando assim a avaliação da circulação de cada uma dessas gramáticas na conjuntura francófona analisada. A Figura 2 ilustra como essas informações estão organizadas no corpus compilado:

Figura 2 - Registro da distribuição das gramáticas que compõem o acervo.

Código	Autor	Université Québec	Université de Montréal	Université Sorbonne	Université de Strasbourg	Université Libre de Bruxelles	Université de Lille	Université de Lyon	Université de Nantes	Université Aix-Marseille	Université de Montpellier	Université de Côte d'Azur	Bibliothèque Nationale de France	Bibliothèque Nationale (Belgique)	Université de Liège	Bibliothèque Nationale Suisse	Université de Genève
GLF001	(MCBRIDE, 1997,1)						X										X
GLF002	(LOISEAU, 1989,1)					X				X			X		X	X	X
GLF003	(GREVISSE, 2007,14)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GLF004	(GREVISSE, 1995,3)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GLF005	(GREVISSE, 1960,1)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GLF006	(GREVISSE, 1995,30)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
GLF007	(CHERDON, 2017, 1)				X	X								X	X		X
GLF008	(PIRON, 2013,1)	X	X		X		X	X		X	X		X	X			X
GLF009	(PICABIA, 1981,1)				X							X	X				X
GLF010	(DELAUNAY et al, 2018,1)	X	X		X		X									X	X
GLF011	(CAUCHIE, 1986,1)			X	X			X	X	X	X						X
GLF012	(MAUGER, 1684,1)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X
GLF013	(GALICHET et al, 1960,1)		X		X	X							X	X	X		X

Fonte: dados desta pesquisa.

No total, foram identificadas 336 gramáticas da língua francesa, distribuídas ao longo de diferentes séculos. No século XVI, foram encontradas 13 gramáticas (3,9% do total), no século XVII, 5 gramáticas (1,5%), no século XVIII, 15 gramáticas (4,5%), no século XIX, 61 gramáticas (18,2%), no século XX, 131 gramáticas (39%), e no século XXI, 102 gramáticas (30,4%). O século de origem de 9 gramáticas (2,7%) não pôde ser identificado.

Quanto à contribuição dos países, a França é o principal centro normativo, responsável pela publicação de 219 gramáticas (65,2% do total), das quais 9 no século XVI, 4 no século XVII, 10 no século XVIII, 35 no século XIX, 73 no século XX e 86 no século XXI. A Bélgica aparece em seguida, com 44 gramáticas (13,1%), sendo uma no século XVIII, 11 no século XIX, 16 no século XX e 10 no século XXI. Em terceiro lugar, está a Suíça, com 30 gramáticas (8,9%), das quais 4 no século XVI, uma no século XVII, 3 no século XVIII, 9 no século XIX e 13 no século XX.

Em relação aos acervos consultados, foram encontradas gramáticas de diversos países: 5 alemãs, 44 belgas, 17 canadenses, 6 dinamarquesas, 2 espanholas, uma dos Estados Unidos, 219 francesas, 3 inglesas, 5 holandesas, 3 italianas, uma russa e 30 suíças.

Durante a pesquisa nos acervos bibliotecários, algumas obras identificadas não foram incluídas no corpus uma vez que não se constituíam como gramáticas ou não abordavam diretamente a disciplina gramatical. Esses materiais possuem uma abordagem mais textual, comunicativa e cultural, muitas vezes relegando a importância do estudo da estrutura linguística para segundo plano ou, eventualmente, sendo negligenciado.

2. Uma investigação da gramaticografia francesa através dos séculos.

Comparada às grandes mudanças ocorridas na Idade Média e no Renascimento, que foram extremamente marcantes, a transição do francês clássico para o francês moderno foi, na verdade, mais um esforço de purificação, regulamentação e consolidação de um nível de linguagem que havia sido alcançado no Grande Século (XVII), com a conservação de um único sistema de comunicação, ou seja, uma norma linguística do tipo *ne varietur*², ou seja, uma língua estável e imutável (Schmitt, 2015, p. 64). Apesar dessa busca por padronização, é importante reconhecer que o francês, assim como todas as línguas, sempre exibiu e continua exibindo uma diversidade de usos que variam no tempo, no espaço e nas circunstâncias sociais.

² Do latim: “para que nada seja mudado”.

Mesmo com a recente consolidação política da francofonia³, a ideia de uma língua nacional padronizada e homogênea permaneceu forte. Esse ideal de uniformidade foi acompanhado por uma série de atividades linguísticas que tentaram estabelecer e solidificar um francês “unificado”.

Como aponta Schmitt (2015), esses esforços de padronização, embora bem-sucedidos em vários aspectos, trouxeram também consequências. A rigidez da norma linguística estabelecida durante o período clássico e mantida ao longo do tempo limitou, em muitos casos, a criatividade da língua. É importante ressaltar que a imposição dessa norma deu origem a “anticódigos”, como gírias, jargões e linguagens cifradas, que foram historicamente adotados por grupos sociais específicos. Esses grupos, geralmente situados em contextos em que o controle da língua padronizada era menos rígido, criaram formas alternativas de comunicação como uma reação à imposição dessa norma estrita.

Diante dessa dinâmica histórica, o estudo da gramaticografia francesa ao longo dos séculos revela os diferentes caminhos percorridos pela língua. Desde as primeiras tentativas de codificação no século XIII até as mais recentes abordagens linguísticas, o francês passou por um processo contínuo de transformação e normatização. Esta investigação pretende explorar a evolução da descrição gramatical do francês, examinando as obras e teorias que marcaram cada período e como essas iniciativas refletiram as mudanças sociais e culturais da época.

Assim, nas próximas seções, basearemos nossa análise nos estudos de Swiggers (2015) e de Sophie Piron (2008; 2009; 2010; 2011), que investigaram com profundidade as obras gramaticais mais significativas. Essas contribuições ajudarão a compreender como a codificação e a padronização da língua francesa não só moldaram seu desenvolvimento, mas também influenciaram as práticas linguísticas de diferentes séculos, até os dias atuais.

2.1 Início da descrição gramatical da língua francesa.

Segundo Schmitt (2015), entendemos que, do ponto de vista diacrônico, a gramática histórica tradicional distingue três estágios linguísticos da chamada língua d'oïl⁴: o francês antigo, o francês médio e o francês moderno. Cada uma dessas etapas é caracterizada por

³O termo “francofonia” surge neste estudo, originalmente, para identificar comunidades linguísticas que utilizam o francês como língua oficial ou de comunicação. Embora reconheçamos as implicações problemáticas associadas a esse conceito no contexto dos estudos decoloniais, nossa abordagem aqui não se propõe a avaliar sua pertinência ou crítica de forma aprofundada. Usamos o termo exclusivamente para nos referir às comunidades que adotam o francês como língua oficial ou como parte integrante de suas práticas linguísticas e culturais.

⁴ Designação linguística e histórica das línguas galo-românicas originadas nos territórios setentrionais da Gália romana, agora ocupados pela França setentrional, parte da Bélgica e as Ilhas do Canal.

tendências distintas que marcaram a evolução da língua. A primeira tendência refere-se à formação dos dialetos, que culmina na predominância da variedade diatópica da Île-de-France, conforme sugere a etimologia popular que interpreta “little Francia” como “Île de France”. A segunda tendência diz respeito à formação de uma língua nacional, que passou a ser utilizada em todo o Reino francês. Por fim, a terceira tendência envolve a padronização e a evolução normativa do francês como língua nacional, um processo que foi impulsionado por gramáticos, literatos, cientistas e outros grupos intelectuais, sempre sob a égide do Estado defensor do “bom francês” (Rat, 1963). Assim, nesta pesquisa, abordaremos a transição do francês médio para o moderno, analisando a formação de uma língua nacional e sua padronização e evolução normativa.

Nesse contexto, frisamos que a descrição gramatical do francês teve suas primeiras manifestações na Inglaterra. Desde o século XIII, o francês começou a ser objeto de descrições ortográficas, morfológicas e lexicais. Exemplos de manuscritos que evidenciam essas atividades incluem:

- *Traité de la conjugaison française* (1250)
- *Tretiz ki Munseignur Gauter de Bithesway fist a ma dame Dyonise de Montechensi* (1250)
- *Tractatus orthographiae de "T.H."* (1300)
- *Le Nominale sive verbale in Gallicis* (1340)
- *Les Manières de langage* (1390)
- *Tractatus ortographie gallicane per M. T. Coyfurelly* (1400).

Convém mencionar que essas obras não foram encontradas em nossa consulta, a partir das palavras chaves, nos acervos selecionados.

2.2 A gramaticografia francesa no século XV:

As primeiras gramáticas francesas refletiam a forte influência dos modelos latinos. O tratado mais antigo propriamente gramatical é o *Donait françois* (1410) de Johan Barton (séc. XV). Esse primeiro tratado já apresentava questões que persistiriam na tradição gramatical francesa: a tentativa de manter um sistema casual para os nomes, visando relatar algumas funções sintáticas; o reconhecimento gradual de um sistema de determinação nominal (Swiggers, 2015); a distinção imprecisa entre substantivo e adjetivo; e a descrição do sistema verbal francês, muito diferente do latim.

Ainda assim, durante o século XV, o francês foi progressivamente substituído pelo inglês na Inglaterra em quase todas as áreas de comunicação vernacular, embora o francês tenha

resistido como “Law French” nos tribunais. No entanto, o interesse cultural pelo francês, que se fortaleceria no século XVI, garantiu a presença contínua de gramáticas do francês, muitas vezes escritas por autores ingleses ou tutores na Inglaterra, como Palsgrave, Du Wes, Bellot, Holyband, entre outros (Kibbee, 1989).

2.3 A gramaticografia francesa no século XVI:

A constituição da língua francesa moderna é tradicionalmente situada no século XVI, conforme afirma Livet (1859). Contudo, essa estruturação não ocorreu de forma isolada, sendo profundamente influenciada pela herança latina e pelas reflexões gramaticais que emergiram ao longo da Idade Média, o que favoreceu o surgimento de textos que podem ser denominados “gramáticas” (Piron, 2008). Essas obras são entendidas pelo dicionário histórico da língua francesa TLF⁵ como “obras didáticas que descrevem os elementos, os processos de uma língua e que formulam as regras de um uso correto da mesma” (Trésor de la langue française, 1971, tradução nossa)⁶.

A discussão do século XVI é determinada pela definição de regras fixas e pela regulamentação de um uso linguístico pouco estabelecido. A gramática francesa foi marcada por uma crescente preocupação com centralização e normalização, no entanto, o francês ainda carecia de uma ortografia codificada e de uma forma padrão “sociolectal” (Swiggers, 2015, p.528). Rompendo com os padrões anteriores, muitos escritores começaram a estudar sua própria língua, especialmente o francês, além do grego e do latim, que durante muito tempo dominaram as igrejas e os tribunais (Jullien, 1849, p.7). É nesse contexto que surgiram as descrições gramaticais e os tratados ortográficos da primeira metade do século XVI, provenientes principalmente de preceptores, tradutores e tipógrafos, que buscavam propor uma primeira codificação do francês, considerando a relação entre língua falada e escrita.

A promulgação do Édito de Villers-Cotterêts em 10 de agosto de 1539, pelo Rei Francisco I, foi um marco crucial nesse processo. Conhecido como o “Pai e Restaurador de Letras”, Francisco I decretou que o francês se tornaria a língua oficial da administração pública e do governo, em detrimento do latim e de outras línguas regionais: “A partir de hoje, os atos do

⁵ O Tesouro da Língua Francesa (TLF) é um dicionário histórico da língua francesa que abrange a evolução do francês do século XIX ao XX.

⁶ “*Ouvrage didactique qui décrit les éléments, les procédés d’une langue et qui formule les règles d’un usage correct de celle-ci*”

Governo serão escritos em francês, ensinar-se-á em francês, pleitear-se-á em francês[...]” (François 1º, 1539, tradução nossa)⁷.

Assim sendo, a formulação de reflexões gramaticais aprofundadas naquela época foi favorecida por vários fatores: os esforços de unificação linguística conduzidos por Francisco I (Édit de Villers-Cotterêts) para que o francês se tornasse a língua administrativa e do poder centralizado; a elaboração consciente de uma norma linguística dentro da sociedade francesa; a afirmação de uma literatura francesa e da língua; e o desenvolvimento do ensino e da ciência (Piron, 2008, p.2). Dessa forma, esses eventos criaram as condições ideais para o desenvolvimento de uma gramática unificada de língua francesa.

Subsequente a isso, conforme demonstrado no Quadro 1, três gramáticas se sobressaíram na primeira metade do século XVI, estando presentes na maioria dos acervos consultados.

Quadro 1: Gramáticas de destaque da primeira metade do século XVI e acervos identificados.

John Palsgrave	Lesclairissement de la langue françoise	1530	Université du Québec, Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université libre de Bruxelles, Université de Lille, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université de Genève, Université de Liège, Université de Côte d'Azur, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale de Belgique, Bibliothèque Nationale Suisse.
Jacques Dubois/Jacobus Sylvius	In Linguam Gallicam Isago	1531	Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université libre de Bruxelles, Université de Lille, Université de Nantes, Université de Montréal, Université de Montpellier, Université Aix-Marseille, Université de Genève, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale Suisse.
Louis Meigret	Le tretté de la gramme françoise	1550	Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Nantes, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale de Belgique, Bibliothèque Nationale Suisse.

As primeiras gramáticas impressas do francês começam a surgir nos anos 1530. Entre 1530 e 1550, três obras destacam-se pela sua importância. A primeira, *Lesclairissement de la langue françoise* (1530), de John Palsgrave (1480-1554), é um extenso tratado com mais de 1000 páginas. Considerada uma gramática contrastiva, enriquecida com listas de notas, destina-se ao público anglófono e culto. Naquela época, as classes sociais mais altas da Inglaterra falavam francês ou demonstravam grande interesse pela língua (Piron, 2008).

⁷ “Nous voulons d’oresnavant que tous arrests, ensemble toutes autres procédures, soient de nos cours souveraines et autres subalternes et inférieures, soient de registres, enquestes, contrats, commissions, sentences testaments, et autres quelconques, actes et exploits de justice, ou qui en dépendent, soient prononcés, enregistrés et délivrés aux parties en langage maternel françois et non autrement”.

A segunda, *In Linguam Gallicam Isagoge* (1531), de Jacques Dubois (1478-1555), inclui um tratado de fonética histórica e uma gramática baseada no modelo de Donat.⁸ Dubois pretendia fornecer ferramentas para que o francês pudesse ser utilizado na tradução de obras científicas, especialmente de medicina. A gramática foi escrita em latim, a língua culta e comum da época, para alcançar um público amplo, tanto francês quanto estrangeiro: “Em latim para que estes princípios da nossa língua possam servir tanto aos ingleses, alemães, italianos, espanhóis, a todos os estrangeiros, enfim” (Dubois, 1531)⁹.

A terceira gramática é *Le trêtté de la grammère françoëze* (1550), de Louis Meigret (1510 –1558), é a primeira gramática francesa publicada por um francês (Hausmann, 1980), escrita de acordo com o sistema gráfico concebido por Meigret, no qual a grafia “se alinha” com a pronúncia.

De acordo com Burdy (2015), o desenvolvimento dessas gramáticas está vinculado ao crescimento da imprensa. No início do século XVI, um quinto dos livros impressos em Paris já eram em francês (Wolf, 1991). Contudo, os impressores preferiam manter as grafias tradicionais dos manuscritos medievais em vez de aderir às propostas de reforma ortográfica, como as de Meigret. O trabalho dos primeiros gramáticos do francês é relevante no âmbito teórico, pois demonstram que o francês, assim como o latim, possui regras, ou seja, uma estrutura que pode ser normatizada e capaz de atuar como uma língua de prestígio cultural. O trabalho desses gramáticos se encaixa, portanto, no abrangente esforço de “preservação e promoção” das línguas “vernaculares”.

Na segunda metade do século XVI, outros gramáticos franceses seguiram os passos de seus predecessores. Uma obra importante é a *Grammaire* (1572) de Pierre de la Ramée (1515-1572), publicada no ano de sua morte. Em sua gramática, Pierre fez numerosas observações linguísticas e apoiou fortemente as reformas propostas por Jacques Dubois (Tell, 1874, p. 19). Esta gramática foi amplamente difundida, sendo encontrada em todos os acervos consultados, como demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2: Gramáticas de destaque da segunda metade do século XVI e acervos identificados.

⁸ O modelo de Donat é um sistema gramatical desenvolvido por Élio Donato no século IV, amplamente utilizado na Idade Média para ensinar latim de forma sistemática e prescritiva, com foco nas partes do discurso e regras normativas. Sua influência perdurou no ensino gramatical por séculos.

⁹ “*En latin, afin que ces principes de notre langue puissent servir aussi bien aux Anglais, aux Allemands, aux Italiens, aux Espagnols, à tous les étrangers, en somme*”.

Antoine Cauchie/Antonius Caucius	Grammatica Gallica	1570	Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université de Montpellier, Université de Genève.
Pierre de la Ramée	Grammaire	1572	Université du Québec, Université de Montréal, Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Liège, Université de Montpellier, Université de Côte d'Azur, Bibliothèque Nationale de France, Université de Genève, Bibliothèque Nationale (Belgique), Bibliothèque Nationale Suisse.

Antoine Cauchie (1535 – 1600), autor da *Grammatica Gallica* (1570), é outro gramático relevante. Cauchie, pedagogo, criou essa gramática como uma ferramenta para o ensino do francês como língua estrangeira, redigindo o texto em latim para torná-lo acessível a todos, ele direcionou seu trabalho principalmente para leitores germanófonos, ilustrando suas explicações com exemplos em latim e alemão (Viallon, 2002 p. 128).

Por fim, é importante notar que, no século XVI, Meigret introduziu pela primeira vez a noção de “uso” no contexto da língua francesa (Burdy, 2015). Com isso, ele se referia a como o francês deveria ser falado e escrito de forma correta e exemplar. A partir desse ponto, não havia mais dúvidas de que o uso modelar do francês se concentrava em Paris, mas a questão sobre quem exatamente o representava permanecia indefinida. Seria o francês utilizado no parlamento, ou seja, na corte de justiça de Paris, a linguagem da corte real, ou o falar de todas as classes sociais da capital, como trabalhado por Pierre de la Ramée? Independentemente da resposta, o “bom francês” passou a ser definido como o idioleto de uma elite. Desde o início da reflexão sobre a língua vernácula, a linguagem popular francesa foi deixada à margem do debate (Wolf, 1991).

As gramáticas do século XVI estavam ligadas à construção da identidade nacional e cultural, e essa construção foi dominada por vozes masculinas. Em relação a participação das mulheres no século XVI, não encontramos registros de gramáticas produzidas pelo público feminino, algo que pode ser atribuído a diversos fatores sociais e culturais, os quais serão discutidos na seção “Formação das mulheres, o aprendizado da gramática e a gramática para mulheres”. A falta de acesso à educação formal, especialmente nos campos da gramática e da retórica, era uma limitação imposta às mulheres, que eram amplamente excluídas dos espaços intelectuais e acadêmicos. O contexto patriarcal da época também desestimulava a participação feminina em áreas de prestígio intelectual, como a produção gramatical, reservando-lhes papéis muito restritos, majoritariamente no âmbito literário ou privado.

2.4 A gramaticografia francesa no século XVII:

O ambiente intelectual da época clássica marca a reflexão gramatical do período em duas tendências, uma orientada para a norma linguística com uma visão hierarquizada da sociedade, a outra para um raciocínio filosófico sobre a língua. Estas tendências encontram as suas raízes nas reflexões realizadas ao longo dos séculos passados (reflexões que remontam à Antiguidade), mas enraízam-se igualmente nas práticas pedagógicas que tiveram lugar no século XVII (nomeadamente nas pequenas escolas de Port-Royal) (Piron, 2008). Além disso, os gramáticos do século XVII foram fortemente influenciados pelos debates e pela produção gramatical do século anterior.

A discussão sobre a padronização da língua francesa começa em 1605, com os famosos *Commentaires sur Desportes*, de Malherbe¹⁰(1555-1628). Em linha com a retórica clássica, Malherbe critica severamente o uso de arcaísmos, neologismos e palavras regionais, além de termos técnicos, considerando-os incompatíveis com o que ele chamava de “sermo purus et dilucidus”, que se refere a uma linguagem pura e clara (Schmitt, 2015).

Inicialmente, essas anotações tinham o propósito de aprimorar os textos poéticos. No entanto, logo foram reconhecidas como valiosas contribuições para o debate entre intelectuais que apoiavam a intenção de Malherbe de corrigir e eliminar influências de diversas variedades da língua, sejam elas de origem estrangeira, como o italiano, ou regionais, como as variantes occitanas, além dos dialetos que se situavam à margem do uso comum.

A rejeição a regionalismos e fenômenos socioletais foi considerada rigorosa. Essa postura é justificada, segundo Vaugelas (Schmitt, 2015), pela ideia de que a língua precisa ser “curada” de influências indesejadas, assim como um corpo doente requer tratamento.

O chamado “francês clássico” começou a se formar por volta dos anos 1630, e foi amplamente descrito nas gramáticas publicadas entre 1630 e 1700. Essas obras, muitas vezes com caráter contrastivo (francês-inglês; francês-alemão; francês-holandês, francês-italiano etc.), refletiam a crescente centralização do uso do francês em diversos contextos (Swiggers, 2015, p. 531).

¹⁰ Os *Commentaires sur Desportes* são uma obra escrita por François de Malherbe, um importante poeta e crítico literário francês do século XVII. Publicada em 1605, a obra consiste em um conjunto de comentários sobre os poemas de Philippe Desportes, um poeta contemporâneo que havia contribuído para a poesia da época. Nesses comentários, Malherbe analisa as obras de Desportes sob uma perspectiva crítica e normativa, defendendo a ideia de que a língua francesa deveria ser purificada e padronizada.

Quadro 3: Gramáticas de destaque do século XVII e acervos identificados.

Claude Mauger	French grammar/ Grammaire françoise.	1653	Université du Québec, Université de Montréal, Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Liège, Université de Montpellier, Université de Côte d'Azur, Bibliothèque Nationale de France, Université de Genève, Bibliothèque Nationale (Belgique).
Antoine Arnauld, Claude Lancelot	Grammaire générale et raisonnée de Port Royal	1660	Université du Québec, Université de Montréal, Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Liège, Université de Montpellier, Université de Côte d'Azur, Bibliothèque Nationale de France, Université de Genève, Bibliothèque Nationale (Belgique), Bibliothèque Nationale Suisse.

Nossa pesquisa identificou cinco gramáticas do século XVII nos acervos estrangeiros, porém, dentre essas, focaremos em debater as obras de Claude Mauger (1653) e de Arnauld e Lancelot (1660) por se destacarem como marcos distintos e complementares na história da gramática francesa nesse período, sendo citadas tanto nos estudos de Piron (2008) quanto nos de Swiggers (2015), reforçando sua relevância teórica e pedagógica. Outro ponto importante é que a gramática de referência de Vaugelas, *Remarques sur la langue Françoise* (1647), não foi identificada nos acervos a partir das palavras chaves.

A gramática *French grammar* (1653) de Claude Mauger (16? -16?), inglês, mestre de línguas instalado em Londres, é a gramática de francês língua estrangeira mais famosa e difundida do século XVII (Raby, 2014). Ela foi 14 vezes reeditada e reformulada entre 1651 e 1688 e, nesta obra destinada aos ingleses, Mauger enfrentou desafios comuns aos gramáticos da época, como a escolha do método pedagógico (diálogo ou exposição assertiva), a definição de terminologia metalinguística e a seleção de um corpus ilustrativo (Fournier, 2002). Suas soluções para esses problemas permitiram que sua gramática se tornasse uma referência para o ensino de francês.

Piron (2008) afirma que a principal contribuição da gramática de Arnauld (1612-1694) e Lancelot (1615-1695) reside na transposição de conceitos filosóficos e lógicos para a reflexão linguística. Como observa a autora, eles dividem as palavras em duas categorias principais: aquelas que se referem aos “objetos dos pensamentos” (substantivo, artigo, pronome, particípio, preposição e advérbio) e aquelas que se referem à “forma e mania de nossos pensamentos” (verbo, conjunção e interjeição) (Arnauld e Lancelot, 1660, p. 30). Dessa maneira, o avanço gramatical de Port-Royal se notabiliza na fundação de uma ligação entre o material linguístico (frases), conceitos filosóficos (conceber, julgar e raciocinar) e uma análise lógica (presença de uma “proposta” que pode decompor-se em elementos menores); a frase reduz-se assim a três

elementos funcionais (sujeito, ligação e atributo) nos quais se reconhece esta tripla dimensão. Esta gramática foi, portanto, acolhida e considerada muito favorável desde o seu aparecimento. Foi logo traduzida para todas as línguas da Europa; todos os estudiosos estrangeiros ou nacionais que tiveram ocasião de falar dela concordaram em louvá-la como uma das melhores obras francesas da época; e pode dizer-se que, com efeito, marca o ponto de partida do estudo filosófico das línguas (Jullien, 1849, p.16). Considerando tudo isso, então, em 1660 a gramática francesa acaba de dar origem à análise lógica.

Da mesma forma, no século XVII, ocorre uma mudança significativa na gramática em relação à concordância entre os gêneros feminino e masculino. Antes desse período, o adjetivo e o verbo concordavam com o substantivo ou sujeito mais próximo, sem que houvesse uma predominância de um gênero sobre o outro. Frases como *les hommes et les femmes sont intelligentes* ou *les femmes et les hommes sont indignés* seguiam essa regra de proximidade. Contudo, a introdução do conceito de masculino genérico encerra essa prática de concordância.

Esse novo princípio foi proposto por Vaugelas, um dos primeiros membros da Academia Francesa. Em 1647, ele afirmou: “Por uma razão que parece ser comum a todas as línguas, o gênero masculino, sendo o mais nobre, deve predominar sempre que o masculino e o feminino se encontram juntos”¹¹ (Labrosse, 1996, tradução nossa) Assim, o masculino passou a ser considerado a forma padrão ou “superior”, prevalecendo sobre o feminino em casos de concordância.

Da mesma forma, o gênero feminino passou a ser tratado como uma exceção, uma versão derivada do “primeiro gênero”, o masculino. Em 1767, o gramático Beauzée reforçou essa ideia ao escrever: “O gênero masculino é considerado mais nobre que o feminino, devido à superioridade do macho sobre a fêmea” (tradução nossa)¹². Essa linha de pensamento consolidou a noção do masculino genérico, que permeia a língua francesa até os dias atuais (Lessard e Zaccour, 2017).

A única linguista feminina conhecida do século XVII é Marguerite Buffet, mas um dos únicos fatos que sabemos sobre a sua vida é que ela morreu em 1680 (Ayres-Bennett, 2020, p. 95). Seu livro *Nouvelles observations sur la langue françoise* foi publicado em 1668 e, em suas observações, ela faz referência a outros textos não publicados que escreveu, incluindo obras sobre ortografia e a relação entre ortografia e pronúncia, que usava em seu ensino, mas que aparentemente não sobreviveram. É de extrema importância salientar que essa obra não foi encontrada em nenhum dos acervos consultados a partir das palavras chaves.

¹¹ “Pour une raison qui semble être commune à toutes les langues que le genre masculin étant le plus noble doit prédominer toutes les fois que le masculin et le féminin se trouvent ensemble.”

¹² “Le genre masculin est réputé plus noble que le féminin, à cause de la supériorité du mâle sur la femelle”.

Ainda segundo Ayres-Bennett (2020), o trabalho de Buffet, destinado a ensinar mulheres a escrever e falar bem, antecipa muitas das características que associamos a obras voltadas para o público feminino. Ela faz várias adaptações das observações de Vaugelas (1585-1650) para suas leitoras, encurtando e simplificando-as, além de usar poucos termos técnicos. Ayres-Bennett (2020) cita sua observação do gênero da palavra *navire*: “*Navire* é hoje masculino, mas antigamente era feminino; por isso, é necessário dizer: *c’est un beau navire e le navire*” (Buffet, 1668, p. 194).

Além disso, Buffet também objetivava construir uma espécie de guia para o uso contemporâneo nos salões e as habilidades exigidas das mulheres na sociedade polida (Ayres-Bennett, 2020, p. 96). Em particular, Buffet discute palavras e expressões comuns no uso dos salões, que geralmente não apareciam nas obras de observações dos autores masculinos. Por exemplo, ela aborda a moda das *Précieuses*¹³ de usar expressões excessivamente fantasiosas e exacerbadas:

Existem pessoas que falam com tão pouco senso que, se os animais pudessem falar, se expressariam com mais razão; elas dirão: “essa casa tem toda a minha inclinação”; em outra ocasião, “aqui estão árvores às quais eu dei meu coração”; pode-se ver algo mais inadequado? É preciso dizer: “eu amo essa casa”, “eu estimo essas árvores” (Buffet, 1668, p. 184) (Ayres-Bennett, 2020, p. 96, tradução nossa)¹⁴.

Ayres-Bennett (2020) afirma que o trabalho de Buffet, embora não tenha sido amplamente preservado, reflete a preocupação do século XVII com a descrição e a codificação do bom uso da língua, bem como a necessidade de utilizá-la de maneira adequada na sociedade educada, simplificando também as observações anteriores para seu público feminino e as alerta contra os excessos de linguagem. Suas contribuições pedagógicas, são um exemplo importante da presença, ainda que limitada, de mulheres na gramaticografia francesa desse período.

2.5 A gramaticografia francesa no século XVIII:

O século XVIII marca um desenvolvimento significativo na gramática francesa, especialmente com a sistematização das classes de palavras, dos casos e da construção frástica (Swiggers, 2006). Durante esse período, o francês consolidou-se não apenas como parte

¹³ O movimento das *Précieuses* surgiu no século XVII como uma tendência literária, e a *préciosité* se estendeu para um modo de vida na aristocracia de Paris. Com uma forte presença feminina, esse movimento valorizava uma linguagem sofisticada e comportamentos altamente refinados.

¹⁴ “*Il se trouve des personnes qui parlent avec si peu de sens, que si les animaux pouvoient parler ils s’exprimeroient avec plus de raison; elles diront, cette maison a toute mon inclination: dans un autre rencontre, voila des arbres à qui j’ay donné mon cœur: peut on rien voir de plus mal adapté; il faut dire j’aime cette maison, j’estime ces arbres*”.

essencial da educação, mas também como uma via de acesso ao estudo de línguas clássicas, como o latim e o grego. Anteriormente, a dinâmica era inversa: as línguas antigas serviam de referência para a aprendizagem da língua materna na sua forma escrita (Piron, 2009). Esse novo enfoque reflete uma mudança de paradigma, pois o francês assume maior autonomia e prestígio no campo pedagógico e gramatical. Segundo Schimitt (2015), adota-se os princípios da lógica e glorifica-se a beleza da língua francesa, mas o discurso normativo na França é, antes de tudo, guiado pela tradição, ou seja, pela continuidade das doutrinas gramaticais do século clássico, conforme foram transmitidas pelas obras normativas desde as *Remarques* de Vaugelas.

Apesar do surgimento de muitos neologismos, do considerável empréstimo de palavras de línguas vizinhas, especialmente do inglês, e de um estilo menos rigoroso nos textos jornalísticos, pode-se observar que, no chamado Século das Ideias (XVIII), a França permanecia conservadora. Embora Vaugelas não seja mais uma referência tão atual, suas lições, sua luta contra os latinizantes e sua defesa de uma linguagem refinada, típica da Corte e da cidade de Paris, continuavam a serem lembradas.

Nossa pesquisa identificou 15 gramáticas publicadas no século XVIII, das quais selecionamos duas obras que se destacam: *Grammaire générale* (1767) de Nicolas Beauzée e *Éléments de la grammaire Française* (1780) de Charles-François Lhomond. Ambas as obras exemplificam o esforço dos gramáticos de se distanciar do modelo latino e de promover a clareza e regularidade da língua francesa. Isso reflete a preocupação crescente com a simplificação e a estruturação mais pedagógica da gramática, características que se tornariam fundamentais para a educação gramatical das gerações subsequentes. Além disso, essas obras simbolizam a transição do normativo para o mais analítico e funcional, evidenciando a busca por uma gramática mais acessível e prática.

Quadro 4: Gramáticas de destaque do século XVIII e acervos identificados.

Nicolas Beauzée	Grammaire générale.	1767	Université de Lille, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Lyon, Université de Genève, Université de Nantes, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale (Belgique), Bibliothèque Nationale Suisse.
François-Charles Lhomond	Éléments de la grammaire Française.	1780	Université du Québec, Université de Montréal, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Liège, Université de Liège, Université de Genève, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale Suisse.

Não é de se admirar, portanto, que este século veja nascer a primeira gramática escolar, uma gramática destinada a facilitar a aprendizagem das estruturas da língua, e que esta conheça

muito rapidamente um grande êxito. Esta corrente gramatical inspira-se nas reflexões conduzidas na esteira da gramática geral de Buffier (1661-1737), Beauzée (1717-1789) ou Girard (1667-1748). Com eles, a gramática, outrora estritamente normativa ou analítica, torna-se mais pedagógica. É nesse contexto que prosseguem os trabalhos sobre as classificações do artigo e dos pronomes, e que se desenham várias mudanças: os gramáticos distanciam-se pouco a pouco do modelo latino, que alguns começaram a considerar como um jugo (Piron, 2008). Cabe sublinhar que as obras de referência de Buffier “*Grammaire françoise sur un plan nouveau*” (1709) e de Girard “*Les vrais principes de la langue françoise*” (1747) não foram encontradas nos acervos das bibliotecas francófonas a partir da busca pelas palavras chaves.

De modo geral, os gramáticos do século XVIII buscam ressaltar as regularidades da língua e apresentá-las de maneira precisa e clara. Beauzée propõe uma gramática geral, obra que se inscreve na disciplina com o mesmo nome e que tem por objeto “a especulação fundamentada nos princípios imutáveis e gerais da linguagem” (Beauzée, 1767, tradução nossa)¹⁵.

De maneira semelhante, algumas classificações das partes do discurso foram revisadas pela gramática geral e incorporadas à gramática escolar, conferindo-lhes uma durabilidade significativa. Lhomond, renomado representante da gramática escolar com sua obra *Éléments de la grammaire Françoise* (1780), separou os substantivos adjetivos (equivalentes aos adjetivos modernos) da ampla classe dos substantivos, que passou a incluir apenas os substantivos propriamente ditos (os atuais nomes). Dessa forma, os artigos e suas variantes, como os artigos contraídos, obtiveram uma fundamentação mais sólida e estável no sistema gramatical. Conforme apontado por Piron (2009), o gramático que leva a análise da noção de circunstâncias mais a fundo é Beauzée, em *Grammaire générale* (1767). A distinção previamente estabelecida entre o nível de análise formal e o de sentido permite-lhe tratar os complementos com maior rigor. Dessa forma, Beauzée propõe que a quantidade de complementos considerados sob a perspectiva semântica é bastante ampla, pois cada sentido específico define um tipo particular de complemento.

Sob essa ótica, delinea-se que as gramáticas do século XVIII constituem um interesse cada vez mais acentuado pela ortografia, que só se desenvolverá verdadeiramente no início do século XIX. Já não se busca, como no século XVI, sugerir alterações ao sistema ortográfico, mas sim apresentar formas normativas de escrita e documentar os erros mais frequentes.

Ante tal contexto, os gramáticos reforçam e refinam a herança de Port-Royal. A análise lógica que ali tinha sido elaborada em 1660 sustenta a arquitetura da proposta, que assenta em

¹⁵ “La spéculation fondée sur les principes immuables et généraux du langage”

dois pilares semânticos: por um lado, “o assunto de que se fala” e, por outro, “o que se afirmar” (Buffier, 1709, p. 9).

A gramática mais conhecida do século XVIII escrita por uma mulher, de Émilie Du Châtelet (1706–1749), também não foi encontrada nos acervos francófonos pesquisados. A *Grammaire raisonnée*, provavelmente escrita entre 1736 e 1749, faz parte da tradição das gramáticas gerais e racionais francesas, que tem suas raízes na *Grammaire générale et raisonnée* de Antoine Arnauld e Claude Lancelot, de Port-Royal, publicada pela primeira vez em 1660 (Ayres-Bennett, 2020, p. 97). Entretanto, apesar da inspiração recebida, Émilie Du Châtelet não adota de maneira inquestionável as ideias dos gramáticos de Port-Royal.

Infelizmente, somente três capítulos de cerca de trinta páginas da obra de Du Châtelet sobreviveram: o capítulo 6, “*Des mots en général considérés selon leur signification grammaticale*” (Wade, 1947, p. 209) ; o capítulo 7, “*Des mots qui représentent les objets de nos perceptions*” ; e o capítulo 8, “*Des mots qui désignent les opérations de notre entendement sur les objets*” (Ayres-Bennett, 2020, p. 97).

Como observa Douay-Soublin (2008, p. 174), a reformulação dos termos de Port-Royal *concevoir, juger, raisonner* (‘conceber, julgar, raciocinar’) para *apercevoir, juger, raisonner* (‘perceber, julgar, raciocinar’) indica que Du Châtelet foi muito provavelmente influenciada por John Locke seja diretamente ou por intermédio de Pierre-Louis Moreau de Maupertuis. Além disso, Vaugelas também exerceu grande influência no trabalho de Du Châtelet.

Segundo Ayres-Bennett (2020), pode se afirmar que a gramática de Du Châtelet oferece, em resumo, um estudo de caso interessante sobre como três fontes gramaticais, muitas vezes contraditórias, Port-Royal, Buffier e Vaugelas, eram lidas e interpretadas por uma mulher na primeira metade do século XVIII.

Semelhantemente, outra grande escritora de referência que contribuiu fortemente para a tradição de gramáticas francesas para estrangeiros, é a escritora Mme La Roche, não identificada em nossa pesquisa nas bibliotecas dos acervos francófonos. Mme La Roche publicou uma gramática bilíngue francês/alemão em Leipzig no início do século XVIII, especificamente em 1719, intitulada *La Pierre de touche ou le Secret de délier la langue*. A epístola dedicatória, dirigida às “belas e encantadoras jovens”, expressa o objetivo de facilitar o acesso delas à língua francesa. La Roche destaca a importância do francês nas cortes mais refinadas da Europa e o papel significativo que ele exerce na sociedade culta.

Ayres-Bennett (2020) explicita que, La Roche admite que a dificuldade em aprender francês pode ter desmotivado algumas mulheres, mas também argumenta que a responsabilidade não é delas:

Ela reconhece que algumas mulheres podem ter se desmotivado pela dificuldade de aprender francês, mas argumenta que isso não é culpa delas, sendo na verdade devido a professores ruins que lhes davam os autores mais difíceis enquanto ainda estavam aprendendo o básico da língua. Em vez disso, as mulheres precisam de “conversações muito curtas e extremamente fáceis para começar” (La Roche, 1719). Ela sustenta que as mulheres podem posteriormente ser introduzidas a diálogos mais longos e elaborados, e progredir para romances[...]. O trabalho, portanto, visa tornar o aprendizado de línguas mais fácil e agradável, especialmente nas fases iniciais. No 'Avertissement', a autora acrescenta que o trabalho também pode servir aos homens, que só precisam remover o final-e do que ela chama de “supines”. O trabalho começa com listas de vocabulário básico, cobrindo números, tempo e dias, partes do corpo etc., avança para conversas simples e, em seguida, passa para contos curtos. Somente após isso é que a parte gramatical mais formal é introduzida (Ayres-Bennett, 2020, p. 99).

Considerando todos esses fatores, o século XVIII marcou avanços significativos, especialmente no desenvolvimento da análise gramatical moderna, com a consolidação da noção de complementação. Durante esse período, complementos diretos e indiretos passaram a ser definidos de maneira mais precisa, embora os termos utilizados ainda variassem. A gramática escolar já havia estabelecido perguntas específicas para identificá-los, resultando na estruturação de dois planos de análise: o gramatical e o lógico. Essa distinção foi fundamental, pois tornou-se a base da gramática escolar do século XIX, na qual ambas as modalidades de análise se tornaram essenciais em qualquer exercício de francês. Além disso, apesar de menos numerosas e pouco reconhecidas, as gramáticas escritas por mulheres trouxeram uma importante diversidade ao campo, especialmente ao direcionarem suas obras ao público feminino. Essas autoras adotaram metodologias que privilegiavam a clareza e a simplicidade, facilitando o aprendizado da língua.

No entanto, em paralelo a esses avanços no campo gramatical e o aumento da presença feminina no campo gramatical, o século XVIII também testemunhou um movimento político-linguista que visava masculinizar a língua francesa, iniciado no século XVII. Grandes personalidades da época lançaram uma ofensiva contra as terminações femininas, dando início a uma transformação que consolidaria o francês como uma “língua de homens” (Lessard e Zaccour, 2017). Essa campanha começou com a eliminação dos femininos considerados “supérfluos”, ou seja, aqueles cujas formas masculinas já terminavam em -e, como *peintresse*, *poétesse* e *philosophesse*, que foram substituídos por *peintre*, *poète* e *philosophe*. Gradualmente, femininos cujas formas masculinas não terminavam em -e também foram eliminados.

Essa tentativa de masculinização não se limitou à eliminação de termos femininos de uso cotidiano. Algumas palavras foram atacadas com particular vigor por se referirem a ocupações intelectuais. Enquanto femininos como *serveuse* e *tenancière* foram preservados,

termos como *professeuse*, *philosophesse* e *autrice* foram retirados do vocabulário. Esse processo não era apenas linguístico, mas também político. A afirmação de Sylvain Maréchal, poeta e filósofo, de que “Assim como a língua francesa, a razão não quer que uma mulher seja autora. Esse título, em todas as suas acepções, é próprio apenas do homem” (Viennot, 2014, tradução nossa¹⁶) evidencia como a exclusão linguística andava de mãos dadas com a exclusão das mulheres de certas atividades intelectuais, como a filosofia e a escrita.

Esse movimento político-linguístico refletia uma tentativa de impor uma característica à língua francesa que, até então, não era uma questão. Como apontam Zaccour e Lessard (2017), os homens da época não estavam simplesmente observando uma mudança na língua para incluí-la na gramática e no vocabulário, mas sim tentando forçar uma transformação. Termos femininos como *marchande*, *apprentisse*, *maitresse*, *mareschale* e *taverniere*, amplamente aceitos no século XIII, foram agressivamente eliminados da linguagem corrente, evidenciando a natureza organizada dessa ofensiva contra as mulheres e sua expressão na língua.

2.6 A gramaticografia francesa no século XIX:

Schmitt (2015) argumenta que, no contexto político, o princípio revolucionário da “igualdade” desempenhou um papel crucial na formação de um Estado monolíngue, baseado na ideia de que uma única língua era essencial para uma nação unida e indivisível. Esse período, marcado pela adoção do francês na vida pública e pela valorização da razão, viu o surgimento de um francês nacional que permeava tanto a compreensão dos cidadãos, quanto à aplicação das ciências sociais (Hörsch, 1994). A democratização linguística da onomástica, ou seja, a uniformização dos nomes e termos usados, também refletiu esse movimento.

O cenário político e social da França dos séculos XVIII e XIX, marcado por agitação e violência, foi essencial para essa transformação. Desde o Império de Napoleão I (1804–1814; 1815) até a Terceira República (1870–1940), o francês foi consolidado como a língua oficial, em especial no sistema educacional. A educação primária passou a ser promovida em francês uniforme, uma ferramenta estratégica para a unificação nacional, enquanto o país buscava expandir sua influência colonial, em rivalidade com a Inglaterra. O lema “uma nação, uma língua” se tornou central, unindo diferentes camadas sociais e moldando o ensino público, que era amplamente aceito e promovido como um valor nacional (Caput, 1975).

Além disso, a obrigatoriedade do serviço militar, implementada a partir de 1789, acelerou a unificação linguística ao reduzir a presença de dialetos e línguas regionais. O século

¹⁶ “*Pas plus que la langue française, la raison ne veut qu’une femme soit auteur. Ce titre, sous toutes ses acceptions, est le propre de l’homme seul*”.

XIX também testemunhou uma rápida expansão do setor terciário, que inclui áreas como comércio, educação e saúde. Esse crescimento exigiu uma nova gama de conhecimentos para que as pessoas pudessem se adaptar a uma sociedade em modernização (Piron, 2009). A escrita tornou-se uma habilidade essencial nesse contexto, e a educação primária passou a dar mais atenção à ortografia, reconhecendo sua importância na formação dos cidadãos.

A manutenção do francês clássico, no entanto, gerou a chamada “crise do francês” (Schmitt, 2015), uma divergência crescente entre a língua literária e os diversos níveis de oralidade. Martinet (1974) destacou que, no século XIX, surgiu um imenso abismo entre a linguística e o purismo, afirmando que “os gramáticos matam a língua”. Paralelamente, esse período também viu um aumento significativo na produção de gramáticas pedagógicas escritas por mulheres (Ayres-Bennett, 2020), refletindo as novas oportunidades educacionais para as mulheres e seu papel crescente no campo da linguística.

Identificamos 61 gramáticas desse período nos acervos internacionais e, dentre elas, optamos por discutir as obras de Noël e Chapsal, *Nouvelle Grammaire Française* (1823), e de Girault-Duvivier, *Grammaires des Grammaires*. Essa escolha se justifica pelo papel crucial que essas obras desempenharam na consolidação da gramática escolar no século XIX, um período caracterizado por um esforço significativo para uniformizar a língua francesa e combater erros linguísticos, como destacado por Piron (2009).

Quadro 5: Gramáticas de destaque do século XIX e acervos identificados.

François-Joseph-Michel Noël e Charles Pierre Chapsal	Nouvelle grammaire française	1823	Université Sorbonne, Université de Genève, Université de Strasbourg, Université de Strasbourg, Université de Nantes, Université de Liège, Université de Lille, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Montpellier, Bibliothèque Nationale de France, Bibliothèque Nationale de Belgique.
Charles-Pierre Girault-Duvivier.	Grammaire des grammaires : ou analyse raisonnée des meilleurs traités sur la langue française	1863	Université du Québec, Université de Montréal, Université Sorbonne, Université de Strasbourg, Université de Lille, Université de Lyon, Université de Nantes, Université Aix-Marseille, Université Libre de Bruxelles, Université de Liège, Université de Montpellier, Université de Côte d'Azur, Bibliothèque Nationale de France, Université de Genève, Bibliothèque Nationale (Belgique), Bibliothèque Nationale Suisse.

O século XIX é considerado, então, o século por excelência da luta contra os erros de francês, o século cujo objetivo é uniformizar a língua nacional, não só pela escola, mas também pelos livros:

As gramáticas de grande porte oferecem assim longas seções dedicadas aos barbarismos, aos pleonasmos e às locuções viciosas. Quando um gramaticista como Girault-Duvivier faz uma lista dos tipos de barbarismos, ele lança em primeiro lugar a desonra sobre as palavras que não se enquadram de qualquer

autoridade, ou seja, a Academia Francesa e bons escritores (Piron, 2009, tradução nossa).¹⁷

Os erros de francês, como expressões condenadas pelos gramáticos, adquirem um status quase vergonhoso, ao lado dos erros de ortografia, eles se tornam estigmatizados pela escola e agora aparecem como manchas, ou até mesmo falhas sociais. A demanda por correção torna-se evidente, levando as editoras a publicarem uma grande quantidade de obras voltadas exclusivamente para esses problemas linguísticos.

Restaut (1696-1764) e Lhomond (1721-1794) foram responsáveis por lançar as bases da gramática escolar no século XVIII. Com o crescente valor atribuído à ortografia e o advento da escolarização, especialmente após a promulgação da lei Guizot em 1833, que tornava obrigatória a criação de escolas primárias em comunas com mais de 500 habitantes e estabelecia a formação de professores em cada departamento francês, o século XIX continuou essa tendência, consolidando-se como o verdadeiro século da gramática escolar. Durante esse período, a trajetória da gramática se entrelaçou de forma significativa com a evolução da gramática escolar.

Em particular, Noël (1756- 1841) e Chapsal (1787- 1858) buscaram desenvolver uma gramática que fosse acessível e eficaz para estudantes de diversos níveis de ensino, desde o primário até o secundário, com a intenção de estabelecer as bases sobre as quais a teoria gramatical se consolidaria, além de receber o apoio oficial da Instrução Pública e ser adotada como manual nas escolas. Piron (2009) afirma que, embora outros livros também tenham moldado os jovens alunos, o trabalho de Noël e Chapsal é a autoridade máxima, a referência incontestável na gramática escolar, conhecida como a “vulgata gramatical”:

Por isso, a *Nouvelle grammaire française* (1823) é o modelo da primeira fase da gramática escolar e merece ser descrita como tal. O sucesso deste livro não se desmente ao longo do século: as reedições são incontáveis e haverá até falsificações, ao ponto de os autores terem que recorrer aos tribunais e a por a sua assinatura nos exemplares da obra para garantir a autenticidade (Piron, 2009, tradução nossa)¹⁸

¹⁷ “*Les grammaires d’envergure proposent ainsi de longues sections consacrées aux barbarismes, aux pléonasmes et aux locutions vicieuses. Lorsqu’un grammairien comme Girault-Duvivier dresse la liste des types de barbarismes, il jette en tout premier lieu le déshonneur sur les mots qui ne relèvent d’aucune autorité, à savoir l’Académie française et les bons écrivains*”.

¹⁸ “*C’est la raison pour laquelle la Nouvelle grammaire française est le parangon de la première phase de la grammaire scolaire et mérite d’être décrite à ce titre. Le succès de cet ouvrage ne se dément pas tout au long du siècle : les rééditions ne se comptent plus et il y aura même des contrefaçons, au point que les auteurs devront avoir recours aux tribunaux et apposer leur signature sur les exemplaires de leur ouvrage pour en garantir l’authenticité*”.

Quando se trata da primeira metade do século XIX, nota-se que ela foi marcada, entre outros, pelos exercícios de cacografia. O objetivo é ensinar a ortografia, seja gramatical ou lexical, apresentando aos alunos textos cheios de erros de todos os tipos. O ditado só aparecerá quando essa prática pedagógica for questionada. A apresentação da norma ocupa no século XIX um lugar essencial nas obras gramaticais de envergadura, ela é ordenada e matizada, com efeito, cada parte do discurso é objeto de observações normativas em que as citações de escritores nacionais ocupam doravante um lugar de destaque e apresentam as soluções para os casos estudados.

No que se refere à gramática, nota-se que os gramáticos tratavam a língua como caracterizada pela famosa ordem “natural” ou “direta” (sujeito + verbo + complemento). Essa concepção defendia que uma língua que nomeia primeiro o sujeito, depois o verbo que designa a ação e, por fim, o objeto dessa ação, sendo incorruptível, não necessitava de melhorias ou regras complementares. François (1959) explicita que, para esses gramáticos, o francês era uma língua com gramática clara, e o que não se encaixasse nesse padrão não poderia ser considerado francês. Durante o século XIX, foram produzidos anais de gramática, revistas gramaticais e jornais didáticos por sociedades de apreciadores da boa linguagem. No entanto, o progresso metódico das gramáticas usadas nas escolas, assim como os manuais de Domergue e Girault-Duvivier, foi bastante modesto.

Outras obras, mais específicas, tratam apenas de erros generalizados (pleonasmos, construção do imperativo etc.). Sendo assim, finalmente, o século XIX viu nascer os manuais de conjugação, mais ou menos imponentes e, foi a partir do século XIX, que a gramática francesa entrou em uma nova fase do ponto de vista institucional, o da chamada “segunda gramática escolar”. Por fim, a postura predominante nos séculos XVIII e XIX, alicerçada em uma forte tradição linguística e na crença de que qualquer forma que não fosse pura, como o “bom francês”, dificultou o avanço de uma linguística que levasse em conta as variações e os aspectos sociológicos da língua. Assim, a famosa “crise do francês” começou a se tornar mais evidente, à medida em que a língua descrita pelas gramáticas já não refletia mais o uso contemporâneo sendo provocada pela noção errônea e injustificável de fixidez, que, em muitos casos, era inadmissível e falsa, entre os apreciadores da língua francesa.

Igualmente, o século XIX testemunha um aumento de obras destinadas a ensinar o idioma materno às meninas, pois a legislação finalmente tornou a educação mais acessível para ambos os sexos, especialmente para as mulheres, e um sistema educacional estatal mais amplo foi criado, como discutiremos a seguir na seção “Formação das mulheres, o aprendizado da gramática e a gramática para mulheres”. Desse século, Ayres-Bennett (2020) cita as seguintes autoras:

- Warchouf, Stéphanie de. *Vélocifère grammatical ou la Langue française, et l'orthographe apprises en chantant, ouvrage très-élémentaire, unique en son genre, mis en vaudevilles, et dédié aux demoiselles* (1806) ;
- Vauvilliers, Mlle. *Nouvelle méthode pour enseigner le français aux demoiselles; ou le Guide des mères qui dirigent elles-mêmes l'éducation de leurs filles* (1813) ;
- Roulleaux, Mme. *Grammaire française à l'usage des pensionnats de demoiselles* (1833) ;
- Serreau, Sophie. *Grammaire progressive à l'usage des écoles élémentaires et des pensionnats* (1840) ;
- Mauvais, Virginie. *Vocabulaire de lecture, à l'usage des élèves de l'École modèle de jeunes damoiselles* (1832) ;
- Gimées, Victorine Collin Des. *Les Verbes français, les plus difficiles, tout conjugués, suivis d'une instruction fort étendue, sur le verbe, les temps primitifs, les irrégularités* (1839) ;
- Harmand, Mlles . *Exercices de grammaire et d'orthographe* (1849) ;
- Bourgoïn, Mme C. *Dictées du premier examen de l'Hôtel-de-Ville. Tome premier* (1851) ;
- Foüan, Elisabeth de. *Petites causeries sur la grammaire française* (1856) ;
- Garnier-Gentilhomme, Mme. *Cours complet d'enseignement primaire* (1884).

Mais uma vez, nenhuma dessas mulheres forem identificadas nas pesquisas aos acervos francófonos. As únicas obras de autoria feminina identificadas nas pesquisas aos acervos francófonos foram:

- Gamond, Zoé Gatti de. *Grammaire élémentaire de la langue française destinée à l'enseignement primaire des classes laborieuses* (1855).
- Pape-Carpantie, Marie. *Grammaire accompagnée d'exercices, lectures et dictées* (1872).

2.7 A gramaticografia francesa no século XX.

Schmitt (2015) observa que, em um contexto de língua excessivamente padronizada, a definição da norma linguística, que é pouco respeitada e muitas vezes desconhecida, volta a ser discutida. Os defensores da “bela linguagem” e a maioria dos pesquisadores concordam sobre a necessidade de proteger o “francês nacional” (Gordon, 1978). Para ele, as mudanças de

significado, pronúncia, construções, expressões, gênero e a criação de palavras inadequadas são evidências claras da deformação da linguagem e resultam de um relaxamento intolerável.

No início do século XX, a Instrução Pública afirma-se como uma instituição que endossa as diretrizes da terminologia gramatical e da teoria em geral, dessa maneira, as gramáticas publicadas colocarão em prática as recomendações oficiais, com mais ou menos disciplina; algumas delas reivindicarão sua conformidade com a nomenclatura oficial como um selo caucionando o valor de sua publicação (Piron, 2010). Pode-se propor que a partir da nomenclatura francesa de 1910, a teoria gramatical entre em um novo período, o da terceira gramática escolar (também chamada de gramática tradicional).

Elalouf (2022) afirma que, nessa época, cada nível de ensino constituía um sistema completo e autônomo, assim sendo, a primeira nomenclatura gramatical oficial foi promulgada em 25 de julho de 1910 por meio de uma portaria que estabelecia a lista de termos cujo conhecimento era exigido em exames e concursos tanto no ensino primário quanto no ensino secundário.

De acordo com Piron (2010), a partir desse marco, muitos conceitos que estavam apenas em esboço no período anterior, conhecido como a segunda gramática, que emergiu no final do século XIX e era caracterizada pela introdução de teorias sistemáticas de complementação e análise sintática, começaram a ser formulados de maneira mais robusta, conferindo à teoria gramatical uma nova estrutura. Essas transformações foram mais tarde reforçadas pelo Código Belga de Terminologia Gramatical de 1949, que também teve influência sobre Maurice Grevisse (1895-1980), autor de uma das gramáticas mais famosas do século XX, *Le Bon Usage* (1936), encontrada em todos os 16 acervos consultados.

Embora essas orientações governamentais tenham estabelecido uma base sólida, as gramáticas, tanto na França quanto na Bélgica, mantiveram certa flexibilidade, permitindo variações e inovações em aspectos específicos. Contudo, é relevante notar que muitas obras ainda se mantinham ligadas aos modelos do século XIX ou seguiam abordagens híbridas, mesmo com a crescente adesão às inovações sugeridas pelas autoridades, como a introdução do conceito de “complemento de objeto” e a tentativa de distinção entre “forma” e “significado”.

A terceira gramática escolar, assim chamada, enfrentou críticas semelhantes às das correntes gramaticais anteriores. Os questionamentos estavam focados na definição semântica das funções, na ênfase excessiva nas exceções, nos exemplos utilizados, considerados excessivamente literários, e na organização do material gramatical. A revisão do ensino gramatical e das gramáticas escolares ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, impulsionada pelos avanços nas áreas da linguística e da psicologia do desenvolvimento educacional.

Segundo Swiggers (2015), na segunda metade do século XX, a gramática francesa estará cada vez mais exposta à influência e ao apelo de correntes linguísticas. As interações entre a gramática e a linguística, que eram bastante ambíguas na primeira metade do século, evoluíram para uma abordagem didática que explora os conhecimentos obtidos a partir de um ou mais modelos linguísticos. Essa evolução é evidente nas gramáticas francesas publicadas desde 1950.

Sob esse prisma, a gramática do francês no espaço francófono beneficiou de uma renovação teórica, que circulares ministeriais e códigos de terminologia, como a nomenclatura francesa de 1910 e o código belga de 1949, tentaram circunscrever. Piron (2011) destaca que as obras que se inscrevem na nova teoria convivem com publicações de inspiração tradicional, como sempre aconteceu em tempos de mudança. As alterações introduzidas fazem entrar a gramática do francês numa nova fase, que Piron (2011) denomina a “quarta gramática escolar”.

Esta corrente gramatical também ampliou os limites da análise tradicional (que tratava apenas o nível frástico), desenvolvendo a análise dos fenômenos gramaticais ao nível textual: Na gramática moderna, as palavras já não são classificadas a partir de critérios imutáveis, mas sim em função do contexto em que aparecem. Os procedimentos de classificação já não consideram um termo como uma noção semântica, mas sim como uma noção morfológica e sintática que corresponde a critérios (modificações de forma, manipulações sintáticas, distribuição na frase). A análise da frase é hierarquizada e comporta agora três níveis: o das palavras, o dos grupos de palavras e o da frase. Além disso, a análise é sistematizada graças ao modelo da frase de base, que permite descrever uniformemente as frases (Piron, 2011, tradução nossa)¹⁹

Do lado das produções femininas, no início do século XX, a França vivenciou um verdadeiro fervor do movimento feminista, que trouxe à tona discussões sobre os direitos e a participação das mulheres na sociedade. Esse ambiente de transformação social também refletiu na produção intelectual, especialmente nas áreas de gramática e linguística. Como resultado, houve um aumento significativo na produção de gramáticas escritas por mulheres, com a identificação de 16 obras nesse período, a partir de nossa pesquisa:

- Bagros, Antoinette. *Grammaire française structurale : classes de 5e* (1974) ;
- Bady, Jeannine. *Grammaire [Texte imprimé] : 350 exercices niveau débutant* (1990) ;
- Bavencoffe, Marie-Josée; Bayol, Marie-Claire. *La grammaire française* (1998);

¹⁹ "Nous avons vu que, dans la grammaire moderne, les mots sont classés non plus à partir de critères immuables, mais bien en fonction du contexte dans lequel ils apparaissent. Les procédures de classement n'envisagent plus un terme comme une notion sémantique, mais comme une notion morphologique et syntaxique qui répond à des critères (modifications de forme, manipulations syntaxiques, distribution dans la phrase). L'analyse de la phrase est hiérarchisée et comporte maintenant trois niveaux : celui des mots, celui des groupes de mots et celui de la phrase. De plus, l'analyse est systématisée grâce au modèle de la phrase de base, qui permet de décrire uniformément les phrases."

- Boulares, Michèle; Callamand, Monique. *Grammaire vivante du français* (1987) ;
- Breckx, Monique. *Grammaire française* (19?);
- Denis, Delphine. *Grammaire du français* (1994) ;
- Grégoire, Maïa. *Grammaire progressive du français : avec 400 exercices : niveau débutant* (1998) ;
- Job, Béatriz; Mis, Bernard; Pissavy, Anne-Marie. *Comment dire? Grammaire simplifiée* (1990);
- Gardes-Tamine, Joëlle. *La grammaire I. Phonologie, morphologie, lexicologie* (1988);
- Lang, Margaret; Perez, Isabelle. *Modern French grammar: a practical guide* (1997);
- L'Huillier, Monique. *Advanced french grammar* (1999) ;
- McBride, Nicole Combe. *Grammaire française* (1997) ;
- Monnerie, Annie. *Le français au présent : grammaire* (1994) ;
- Ollivier, Jacqueline et al. *Grammaire française* (1978) ;
- Picabia, Lélia. *Découvrir la grammaire française : une introduction active à la linguistique française et générale* (1981).

Em conclusão, é pertinente refletir sobre os fundamentos do francês normativo e os decretos legislativos que o sustentam: como é possível extrair, da vasta multiplicidade de usos, uma língua modelo? (Muller, 1985). Nesse sentido, Muller (1985) continua por dizer que, a língua deve ser considerada um macrossistema, onde a norma prescritiva atua como um registro elaborado que busca prevalecer sobre os diversos subsistemas. Essa norma não é, por si só, superior a outros registros; sua aceitação depende de uma base histórica, social, cultural e funcional sólida. Para se impor à comunidade linguística, a norma deve ser validada por um grupo reconhecido como autoridade em questões linguísticas; caso contrário, seu efeito será restrito. Observa-se, portanto, que a determinação do “bom uso” da língua não recai mais sobre as “boas sociedades”, mas se apoia, antes de tudo, no julgamento e na prática da pluralidade dos falantes. Mesmo que os princípios do *Bon Usage* (1936) da gramática de Grevisse permaneçam relevantes, o ensino escolar e universitário, junto com a gramática utilizada na educação nacional, preserva uma cultura tradicional que continua a influenciar a prática docente. Assim, é importante reconhecer que uma língua excessivamente regulada nunca poderá satisfazer plenamente as necessidades comunicativas dos falantes e se assim continuar, como expressa Chervel (1977), a gramática e a ortografia continuarão a ser vistas, por aqueles que desejam aprender francês, como matérias bastante áridas.

A seguir, exploraremos a formação das mulheres e o impacto do aprendizado da gramática em suas trajetórias educacionais e profissionais. Analisaremos também como a feminização de títulos e funções é urgente por refletir a crescente inclusão feminina em diversas áreas, além de abordar as implicações dessas mudanças para a construção de uma linguagem mais igualitária e representativa.

3. Formação das mulheres, o aprendizado da gramática e a gramática para mulheres.

Para compreender as razões pelas quais as mulheres historicamente tiveram uma participação menor que os homens nas atividades ligadas à linguística, especialmente no campo da gramática, é fundamental investigar as oportunidades educacionais disponíveis para elas. Nesse contexto, discutiremos tanto o acesso das mulheres ao aprendizado gramatical quanto a criação de gramáticas especificamente voltadas para esse público, buscando compreender como essas limitações influenciaram sua inserção e contribuição no campo da linguística.

Ayres-Bennett (2020) observa que, enquanto os meninos na França recebiam sua educação principalmente através de collèges e universidades, a educação das meninas por séculos dependia, em grande medida, de sua situação familiar e social:

No século XVII, por exemplo, três principais tipos de educação estavam disponíveis para as mulheres na França: doméstica, formal e informal (Gibson, 1989, p. 20-21). No primeiro caso, a educação da menina, que consistia essencialmente em atividades domésticas e morais, era supervisionada pela mãe em casa. Frequentemente, a menina era confiada a uma governanta, que poderia fornecer alguma instrução religiosa e social básica. Mais tarde, um tutor privado poderia ser contratado para ensinar conhecimentos gerais rudimentares, mas especialmente habilidades valorizadas na sociedade educada, incluindo línguas modernas. Fora de casa, a instrução formal para meninas era essencialmente de nível primário. Uma educação no convento era dominada pela instrução religiosa, com a leitura, escrita e aritmética ocupando um papel secundário (Gibson, 1989, p. 27). A Contrarreforma trouxe algumas melhorias na educação feminina, mas o foco continuou na simples repetição e memorização (Ayres-Bennett, 2020, p. 109, tradução nossa²⁰).

Ainda segundo Ayres-Bennett (2020), o século XIX é considerado o período crucial para o desenvolvimento da educação feminina na França, pois a legislação finalmente tornou a

²⁰ “In the seventeenth century, for example, three main types of education were open to women in France: domestic, formal, and informal (Gibson 1989: 20–1). In the first case, the girl’s education, consisting essentially in housewifery and morals, was supervised by her mother at home. Frequently, the girl would be entrusted to a governess who might give the child some basic religious and social instruction. Later, a private tutor might be employed to teach rudimentary general knowledge, but especially skills valued in polite society, including modern languages. Outside the home, formal instruction for girls was essentially at primary level. A convent education was dominated by religious instruction, with reading, writing, and arithmetic very definitely taking second place (Gibson 1989: 27). The CounterReformation led to some improvements in women’s education, but the emphasis remained on simple repetition and memorizing”.

educação mais acessível para ambos os sexos, especialmente para as mulheres, e um sistema educacional estatal mais amplo foi criado. De acordo com Rogers (2005, p. 3), a educação secundária era reservada à burguesia, sendo assim, enquanto os meninos podiam frequentar diversas instituições públicas e privadas, como os *collèges* e *lycées* preparando-os para o *Baccalaureat*, até 1880, as meninas só podiam frequentar instituições privadas.

Assim, entre 1880 e 1882, o governo regulamentou a certificação de professores, garantiu educação primária gratuita para ambos os sexos e tornou obrigatória a frequência escolar para todas as crianças de 6 a 13 anos (Quartararo, 1995). Uma lei, proposta por Camille Sée²¹ em 1880, finalmente institucionalizou a educação secundária para meninas, embora só na década de 1920 a educação secundária tenha se tornado gratuita, tornando-se mais acessível às classes trabalhadoras (Ayres-Bennett, 2020, p. 110).

Voltando à produção de obras voltadas para o público feminino, já no século XVII, Vaugelas, em suas *Remarques sur la langue françoise* (1647), optou por evitar o formato tradicional de classes gramaticais. Em vez disso, organizou sua obra como uma série de observações curtas e não sistemáticas, focadas em questões gramaticais de uso incerto, “concebidas de forma que as mulheres e todos aqueles que não têm nem mesmo um rudimento de latim possam tirar proveito” (Vaugelas, 1647).

Esse contexto levou ao surgimento do movimento das *précieuses* no século XVII, considerado por Ayres-Bennet (2020) como talvez o exemplo mais significativo e extremo de mulheres se afirmando linguisticamente na França desse período. Ao analisar o uso da linguagem pelas *précieuses*, deparamo-nos com vários problemas que permeiam todas as discussões sobre o movimento. Em primeiro lugar, sua própria existência é questionada. É amplamente reconhecido que as representações do século XVII sobre a *préciosité* misturam fatos históricos e ficção, realidade e caricatura, e que o cerne da questão reside em identificar a proporção e a identidade de cada um desses elementos.

Em segundo lugar, surgem questões de definição, uma vez que o termo pode carregar valores tanto positivos quanto negativos. No seu sentido positivo, ‘*précieuses*’ refere-se a um grupo de mulheres comprometidas com a civilidade e a polidez, que promoviam um uso puro da linguagem e demonstravam grande interesse por questões literárias (Ayres-Bennet, 2020). Por outro lado, valores negativos, especialmente a conotação de excesso, são frequentemente encontrados em textos satíricos como *Les Précieuses ridicules* (1659), de Molière, e nos dois volumes de Somaize, intitulados *Le Grand Dictionnaire des Précieuses* (1660, 1661), que

²¹ Camille Sée (1847-1919) foi um jurista e político francês republicano, conhecido por promover a educação secundária para meninas com a “Lei Camille Sée” de 1880. Ele atuou como deputado pelo Sena e foi membro do Conselho de Estado.

alegam oferecer um glossário completo e autêntico de todos os termos e expressões usados pelas *précieuses*.

Outra questão relevante é o papel das *précieuses* na promoção da reforma ortográfica. Segundo Somaize (1661, p. 57–68), houve discussões sobre a importância de criar um novo sistema ortográfico baseado na pronúncia, para que as mulheres pudessem escrever com a mesma precisão que os homens. Somaize propôs cerca de 130 mudanças, incluindo a remoção de consoantes silenciosas, como o ‘s’ em *teste* e *tête*; a racionalização do uso das consoantes para estabelecer uma relação mais clara entre som e símbolo, como em *qualité* e *calité*; e a eliminação de vogais internas não pronunciadas, como em *seureté* e *seûrté* (Ayres-Bennett, 2020).

Da mesma forma, no século XVIII, Noël-François de Wailly credita às mulheres o pedido de reforma ortográfica na obra *L’Orthographe des dames, ou l’Orthographe fondée sur la bonne prononciation, démontrée la seule raisonnable, par une société de dames* (1782) (Ayres-Bennett, 2020, p.118).

Além disso, Minerva (2012) aponta várias tentativas de adaptar a análise linguística, a escolha do léxico e os conteúdos culturais à identidade feminina. Essas “gramáticas das damas” se basearam em alguns estereótipos que, por muito tempo, moldaram a relação entre o mundo feminino e a língua: de um lado, a espontaneidade e frescor da linguagem das mulheres, tida como um modelo pela ausência de presunção; por outro, a sua pouca familiaridade com o código escrito, o que justificava a necessidade de lhes ensinar a língua por regras.

Um exemplo típico é a *Grammaire des dames* (1785) do Abbé Louis Barthélemy, encontrada a partir de nossa consulta, na Biblioteca Nacional Suíça, dedicada a Madame la Comtesse de Genlis, destinada a ensinar ortografia a mulheres maduras por meio de canções eróticas, pastorais, campesinas, anacreônticas etc. Minerva (2012) aponta que, o subtítulo da gramática, *Grammaire Réduite aux règles les plus simples, & justifiée par des morceaux choisis de poésie, d’histoire, etc* (1785) considerado mais apropriado para suas filhas, é significativo, pois indica a preocupação de alguns autores em tornar a gramática mais simplificada e prazerosa para as mulheres. O prefácio aborda um tema recorrente da época, de que uma mulher não deve ser *savante*, mas deve conhecer as regras de sua própria língua. Barthélemy (1785) enfatiza que, como o trabalho é destinado a jovens mulheres, “os elementos de nossa língua serão apresentados da maneira mais simples e precisa”:

A maioria dos trabalhos sobre a língua francesa, a firma ele, são “difusos”. Ao contrário, para as mulheres, a ortografia precisa ser apresentada de maneira menos árida. Por isso, ele acrescentou trechos de poesia e história para aliviar a monotonia e secura das regras,

e exemplos poéticos para ilustrar pontos gramaticais (Ayres-Bennett, 2020, tradução nossa²²).

De acordo com Ayres-Bennett (2020), qualquer análise sobre a história da padronização e codificação do francês deve levar em conta a influência da Academia Francesa. Neste contexto, a questão “onde estão as mulheres?” é especialmente relevante, uma vez que durante o período analisado não houve nenhuma mulher na Academia. Desde a eleição de Marguerite Yourcenar entre 1980 e 1987, apenas oito outras mulheres ingressaram na Academia, de um total de 731 membros, das quais cinco permanecem atualmente, com a observação de que apenas uma dessas mulheres é filóloga:

- Dominique Bona, eleita em 2013, romancista
- Hélène Carrère d’Encausse, eleita em 1990, historiadora
- Barbara Cassin, eleita em 2018, filóloga e filósofa
- Florence Delay, eleita em 2000, romancista e dramaturga
- Danièle Sallenave, eleita em 2011, romancista e jornalista

Portanto, não é surpreendente que a Academia tenha demonstrado uma reação negativa prolongada à “*féminisation des titres et des fonctions*” (feminização de títulos e funções), na década de 1980, como discutiremos na seção a seguir. Uma posição que foi reiterada em 2002 e apenas suavemente modificada em 28 de fevereiro de 2019. Da mesma forma, o fato de que a Academia tenha recentemente descrito a “*écriture inclusive*” (escrita inclusiva) como uma ameaça grave para a língua francesa demonstra como o campo linguístico é também um campo de disputa de poder, onde questões de gênero estão profundamente entrelaçadas com a normatização da língua. Considerando, igualmente que, quando a sociedade toma conhecimento de uma mudança linguística, especialmente, quando ela está associada à identidade e à representação de grupos minoritários, os grupos hegemônicos reagem (Freitag, 2024, p. 117).

3.1 Feminização de títulos e funções.

A exclusão histórica das mulheres em espaços institucionais, como a Academia Francesa, tem obscurecido suas importantes contribuições para a codificação e o desenvolvimento da língua francesa e, assim sendo, ao observarmos os dados levantados

²² “Most works on the French language are, he claims, ‘diffuse’. Conversely for women, spelling has to be presented in a less rebarbative fashion. He has therefore added excerpts of poetry and history to alleviate the monotony and dryness of the rules, and poetic examples to illustrate grammatical points”

durante a pesquisa, evidencia-se a legitimidade das discussões atuais sobre a necessidade de feminização da língua francesa, contrariando a posição adotada pela Academia, visto que na verdade, o primado do masculino não é intrínseco à língua francesa, mas sim, segundo Lessard e Zaccour (2017, p. 9), é antes o resultado de uma luta conduzida por gramáticos, autores e cientistas de viés misógino.

Ademais, o gênero desempenha um papel central na sociedade, sendo tão relevante que está gramaticalizado na língua. Assim, como língua e sociedade se influenciam mutuamente, as mudanças em uma afetam diretamente a outra (Freitag, 2020). O uso do masculino genérico, por exemplo, sustenta uma hegemonia baseada na heterocisnormatividade, legitimando práticas e políticas que discriminam aqueles que fogem desses padrões. Dentro desse sistema normativo, existe uma hierarquia clara: o feminino é sempre o gênero invisibilizado (Freitag, 2024, p. 136).

Para mais, Lessard (2017) e Zaccour (2017) fazem a seguinte provocação:

Se quisermos, como as alunas que eu conheci, compreender o poder do masculino que prevalece, poderíamos construir a maior sala do mundo e preenchê-la com todas as mulheres da Terra. Na porta dessa sala, que conteria toda a feminilidade, um gato poderia parar uma manhã, intrigado. Ele avançaria tranquilamente para explorar esse estranho território, e a porta se fecharia atrás dele. E se a sala desaparecesse subitamente no meio da noite, levando com ela todas as mulheres, todas as irmãs, todas as trabalhadoras, todas as mães do mundo, o jornal poderia anunciar "eles desapareceram no meio da noite". Não estaria errado quanto à gramática, mas se enganaria quanto ao tempo. Todas as mulheres do mundo não precisariam de uma intervenção sobrenatural para desaparecer. Elas teriam desaparecido assim que um representante do masculino aparecesse na sala. [...] Aprendi isso na idade em que ainda sonhava em me tornar invisível. No entanto, nenhum poder mágico do mundo poderia me fazer existir. O masculino prevalece sobre o feminino (Lessard; Zaccour, 2017, tradução nossa).²³

Por fim, assim como muitas outras coisas que se encaixam perfeitamente em uma sociedade patriarcal, o masculino dito “genérico”, ou seja, o masculino que designa “a espécie sem distinção de sexo”, não é uma coincidência (Freitag, 2020) e foi endossado pela predominância masculina no contexto de produção de gramáticas.

²³ “Si l’on voulait, comme nos “moi” écolières, comprendre la puissance du masculin qui l’emporte, on pourrait bâtir la plus grande salle du monde, et la peupler de toutes les femmes de la Terre. À la porte de cette salle contenant l’ensemble de la gent féminine, un chat pourrait s’arrêter un matin, intrigué. Il s’avancerait tranquillement à la découverte de cet étrange territoire, et la porte se refermerait derrière lui. Et si la salle disparaissait subitement au milieu de la nuit, emportant avec elle toutes les femmes, toutes les sœurs, toutes les travailleuses, toutes les mères du monde, le journal pourrait afficher « ils ont disparu au milieu de la nuit ». Il n’aurait pas tort sur la grammaire, mais se tromperait sur l’horaire. Toutes les femmes du monde n’auraient pas eu besoin d’une intervention surnaturelle pour disparaître. Elles auraient disparu dès le matin, dès le moment où un représentant du masculin aurait pointé son museau dans la pièce. Disparaître, c’est ce que les femmes font le mieux, tel un e muet que l’on oublie en fin de mot. C’est à l’âge où je rêvais encore de devenir invisible que je l’ai appris. Or, tous les pouvoirs magiques du monde n’auraient pas su me faire exister. Le masculin l’emporte sur le féminin”

Enquanto muitas gerações utilizaram a gramática Bescherelle para aprender conjugações, poucos têm conhecimento de que seu criador, Louis-Nicolas Bescherelle, se opôs às formas femininas para nomes de profissões. Em 1843, ele afirmou:

Embora haja um grande número de mulheres que professam, gravam, compõem, traduzem etc. não diz professora, gravadora, compositora, tradutora etc. mas sim professor, gravador, compositor, tradutor etc., pela razão que essas palavras só foram inventadas pelos homens que exercem estas profissões. (Bescherelle, 1843, tradução nossa). ²⁴

Logo, assim como defende Freitag (2020), estamos diante de um prescreativismo que se baseia nas intenções das pessoas que escrevem os manuais, e não de um prescreativismo baseado em um padrão linguístico identificado em uma comunidade de fala: “Gramáticas são instrumentos linguísticos e, no caso do gênero, é nas gramáticas que encontramos a descrição dos padrões de uso, e como explicitamos anteriormente, essa descrição pode mudar” (Freitag, 2020, p. 113).

Nota-se, então, que os gramáticos explicitam o sexismo presente nas normas institucionalizadas pelos instrumentos linguísticos. Assim, a masculinização da língua francesa repousa principalmente em dois eixos: o apagamento de mulheres que designam as profissões nobres e a precedência do masculino, ou mesmo a sua metamorfose em gênero genérico. Assim sendo, de acordo com Elmiger (2011, p. 72-73), feminizar a língua constitui uma tentativa de promover a igualdade entre os sexos, com base na ideia de que a existência e a utilização das designações femininas produzem a igualdade (de remuneração, direitos, oportunidades etc.) na “realidade social”.

Se a presença da mulher já se faz nos espaços sociais, sejam públicos ou privados, é necessário, todavia, ainda marcá-los na língua, nos usos linguísticos há a constituição de uma linguagem não sexista de gênero por meio da manualização e instrumentalização de uma língua. Funcionando como políticas de controle, as quais impõem o uso do feminino na marcação do gênero para afirmar a presença da mulher na língua, os Manuais vão contradizendo o androcentrismo e o sexismo, mostrando que as mulheres existem além das relações com o homem e não estão subordinadas a ele (Garcia; Sousa, 2016, p. 104).

No tocante a feminização de títulos e funções, Freitag (2024) afirma que, o julgamento do gênero das profissões é baseado nos papéis estereotipados que já são construídos por um consciente coletivo, na sociedade, como *eletricista* e *soldado*, para homens; e *babá* e *estilista*

²⁴ “Quoiqu’il y ait un grand nombre de femmes qui professent, qui gravent, qui composent, qui traduisent, etc. on ne dit pas professeuse, graveuse, compositrice, traductrice, etc. mais bien professeur, graveur, compositeur, traducteur, etc., par la raison que ces mots n’ont été inventés que pour les hommes qui exercent ces professions”

para as mulheres. Sendo assim, a frequência prototípica de uma profissão associada a um gênero interfere na representação na gramática (Freitag, 2024, p. 81).

Levando em conta que a linguagem é um campo de disputa entre sexistas e defensores dos direitos das mulheres (Mills, 2008, p. 1), Iváñez (1996, p. 71) destaca que a feminização de títulos, funções e profissões ilustra a importância de mudanças linguísticas necessárias. Em termos gerais, a feminização da língua está ligada à ideologia feminista, que visa modificar certos hábitos linguísticos para garantir uma posição mais adequada às mulheres. A utilização do masculino genérico em títulos, funções e profissões reflete o sexismo presente na língua e oculta, de maneira linguística, a participação das mulheres na sociedade, fenômeno amplamente reforçado pelo fato de durante séculos a produção de gramáticas francesas ter sido essencialmente masculina.

Dessa maneira, como explicita Freitag (2024), a marcação pela língua é a entrada e território de poder, é uma questão de respeito, de inclusão. A adoção de políticas de inclusão que visam a diminuição das desigualdades não pode deixar de fora a inclusão e a visibilidade do gênero. O uso do masculino como a forma de genérico resulta na exclusão da representação linguística da mulher (Freitag, 2024, p. 113):

Na constituição mútua de língua e sociedade, a resposta ao sexismo linguístico na expressão gramatical de gênero em referência a pessoas é a reconfiguração de regras, com a emergência de novas formas. Em algum momento, essas regras estarão codificadas nos instrumentos linguísticos, nas gramáticas (Freitag, 2024, p. 85).

Portanto, em consonância com o pensamento de Freitag (2024, p. 85), reiteramos que as gramáticas também mudam, não talvez como a velocidade que se deseja, mas mudam à medida que novas regras se espalham na sociedade e atingem a comunidade linguística a partir da qual as regras são codificadas.

Em síntese, a trajetória da formação das mulheres, seu aprendizado da gramática e a produção de gramáticas voltadas para elas revelam a complexa intersecção entre gênero, linguagem e poder. A exclusão histórica das mulheres de espaços de autoridade, como escolas e academias, perpetuou uma hierarquia de gênero que se reflete na língua. Embora tenham enfrentado silenciamento e deslegitimação, as mulheres, ao longo dos séculos, conseguiram romper com essa narrativa, especialmente a partir da institucionalização da educação secundária feminina promovida por Camille Sée. Foram encontradas em nossa pesquisa aos acervos francófonos, 102 gramáticas no século XXI, das quais 55 contam com participação feminina, o que destaca a crescente contribuição das mulheres na linguística, desacreditando a noção de que seu papel foi apenas de subserviência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos demonstrar que a gramaticografia da língua francesa é um campo intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais, culturais e políticas que atravessaram séculos. Longe de ser um corpo fixo e imutável de regras, a gramática é um reflexo das ideologias vigentes em cada período histórico. Essa pesquisa revelou que, embora o francês tenha se consolidado como uma língua de prestígio e sua norma culta tenha sido amplamente disseminada, a produção gramatical esteve profundamente marcada por exclusões, especialmente no que tange à participação feminina.

O exame dos manuais de gramática ao longo dos séculos permitiu identificar como certos centros de produção, majoritariamente controlados por homens e por elites culturais, ditaram as normas que foram adotadas em escala global. A invisibilidade das mulheres nesse processo não apenas reforça as barreiras educacionais e sociais impostas a elas, mas também revela um viés estrutural na forma como a língua foi normatizada e ensinada. Essa exclusão feminina, verificada principalmente entre os séculos XV e XIX, é um reflexo da marginalização social que se perpetuou na produção acadêmica e intelectual.

Ao analisar a gramática de Port-Royal e os desenvolvimentos posteriores, observamos que a gramática francesa passou de uma visão puramente normativa para uma abordagem mais filosófica e científica. No entanto, essa evolução não foi suficiente para garantir a inclusão de vozes diversas, perpetuando uma hegemonia masculina nas definições gramaticais. Essa hegemonia reflete-se na norma culta, que, apesar de ser falada por uma minoria, adquiriu o status de padrão e foi associada a prestígio cultural e poder político.

Assim como defende Freitag (2024), compreendemos que as normas gramaticais, ao mesmo tempo em que padronizam o uso da língua, reforçam ilusões de estabilidade e homogeneidade, frequentemente mascarando as desigualdades sociais e as tensões de poder. A ausência de uma contribuição feminina significativa ao longo da história é, assim, não apenas um reflexo do sexismo institucionalizado, mas também uma consequência da exclusão histórica de grupos marginalizados em processos de normatização.

Entretanto, a gramaticografia moderna aponta para uma reconfiguração dessas normas, especialmente no que diz respeito ao sexismo linguístico. Já se nota, por exemplo, a incorporação de novas perspectivas e a introdução de formas mais inclusivas nos debates sobre o uso da língua. Essa tendência sugere que, no futuro, essas novas formas de pensar a gramática poderão ser codificadas e integradas nas gramáticas normativas.

Em suma, este estudo contribui para uma compreensão mais crítica e inclusiva da história da gramática francesa, sublinhando a importância de resgatar vozes que foram

silenciadas ao longo do tempo. Ao focar na participação feminina e nas barreiras que impediram uma maior diversidade na produção gramatical, promovemos uma reflexão contínua sobre como as normas linguísticas não apenas regulam a comunicação, mas também moldam relações de poder e exclusão. O estudo da gramaticografia, assim, deve ir além de uma análise técnica, assumindo um papel fundamental na compreensão das interseções entre língua, sociedade e poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.

ARAUJO, Leandro Silveira de **Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas**. Revista X, v. 15, n. 7, p. 232-271, 2020.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Grammaire générale et raisonnée**. Paris: 1660.

AYRES-BENNET, Wendy et al. **Women in the History of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

AYRES-BENNET, Wendy. **Où sont les femmes? La (non-)présence des femmes dans le Grand Corpus des grammaires françaises, des remarques et des traités sur la langue**. Grammaticalia, édité por Jean-Marie Fournier et al. ENS Éditions, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.12330>.

BARTHÉLEMY, Louis. **Grammaire des dames, ou nouveau traité d'orthographe françoise; réduite aux règles les plus simples**. Genève: Barde, 1^a ed.1785.

BEAUZÉE, Nicolas. **Grammaire générale**. Paris: Imprimerie Royale, 1767.

BUFFET, Marguerite. **Nouvelles observations sur la langue françoise**. Paris: 1668.

BUFFIER, Claude. **Grammaire françoise sur un plan nouveau**. Paris: Bordelet, 1729.

BURDY, Philipp. **Le français dans l'histoire: depuis ses origines jusqu'au XVI^e siècle**. In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlim: Gruyter, 2015. p. 11-38.

CAPUT, Jean-Pol. **La langue française, histoire d'une institution, 2 vol**. Paris: Librairie Larousse (Collection L), 1975,

CHERVEL, André (1977). **Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits français. Histoire de la grammaire scolaire**, Paris: Payot, 1977.

- DOUAY-SOUBLIN, Françoise. **Nouvel examen de la Grammaire raisonnée de Mme Du Châtelet**. Ferney-Voltaire: Centre international d'études du XVIIIe siècle, 2008. p. 171–195.
- DUBOIS, Jacques (Sylvius). **Grammatica latino-gallica**. Paris: Simon de Colines, 1531.
- ELALOUF, Aurélia. **De la nomenclature grammaticale de 1910 à la terminologie grammaticale de 2020**. Scolia :2022.
- ELMIGER, Daniel. **Féminisation de la langue française : une brève histoire des positions politiques et du positionnement linguistique**. In A. Duchêne & C. Moïse (dirs), *Langage, genre et sexualité* (pp. 71-89). Québec : 2011.
- FOURNIER, Nathalie. **Théorie grammaticale et adaptation pédagogique: le traitement des temps du passé dans la Grammaire Française / French Grammar de Claude Mauger (1653)**. Linx [En ligne], n. 12, 2002. Disponible em: <http://journals.openedition.org/linx/1284>. DOI: <https://doi.org/10.4000/linx.1284>.
- FRANÇOIS, Alexis. **Histoire de la langue française cultivée, des origines à nos jours**. Genève: 1959.
- FRANÇOIS I. **Decreto de Villers-Cotterêts**. França: 1539.
- FREITAG, Raquel. **Não existe linguagem neutra!: o gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2024.
- GARCIA, Dantielli; SOUSA, Lucília. **A manualização do saber linguístico e a constituição de uma linguagem não sexista**. *Línguas & Letras*, v. 17, n.35, p.86-106, 2016.
- GARNIER, Jean. **Institution de la langue française, Institutio Gallicae linguae (1558). Texto latino original. Introdução, tradução e notas por Alain CULLIÈRE. Textes de la Renaissance, Série “Traités sur la langue française”**. Paris: Honoré Champion, 2006.
- GORDON, David C. **The French Language and National Identity (1930–1975)**. Paris: 1978.
- GREVISSE, Maurice; GOOSSE, André. **Le bon usage**. Versão eletrônica. Bruxelles: DeBoeck, Duculot, 2012. Disponible em: <http://www.lebonusage.com>.
- HAUSMANN, Franz. **Humaniste et linguiste**. Tübingen: Narr, 1980.
- HÖRSCH, Nicole. **Republikanische Personennamen. Eine anthroponymische Studie zur Französischen Revolution**. Tübingen: Niemeyer. 1994
- IVÁÑEZ, Montserrat Planelles. **L'influence de la planification linguistique dans la féminisation des titres en France et au Québec : deux résultats différents en ce qui a trait à l'usage**. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 24, n. 2, p. 71-106, 1996.

- JULLIEN, Bernard. **Coup d'œil sur l'histoire de la grammaire**. Paris: 1849.
- KIBEE, Douglas. **L'enseignement du français en Angleterre au XVI^e siècle**, in: SWIGGERS, Pierre; VAN HOECKE, Willy (edd.). *La langue française au XVI^e siècle. Usage, enseignement et approches*. Tübingen: Narr, 1989.
- LABROSSE, Céline. **Pour une grammaire non sexiste**. Montréal, Remue-ménage, 1996.
- LA ROCHE, Mme. **La Pierre de touche ou Le Secret de délier la langue, par le moyen de certains entretiens courts, faciles & galans, divisés en trois parties**, par Me. La Roche. Leipzig: Chés les Héritiers de Frederic Lankisch, 1719.
- LESSARD, Michaël; ZACCOUR, Suzanne. **Grammaire non sexiste de la langue française: le masculin ne l'emporte plus!**. Saint-Joseph-du-Lac: M éditeur, 2017.
- LHOMOND, Jean. **Éléments de la grammaire française**. Paris: 1780.
- LIVET, Charles-Louis. **La grammaire française et les grammairiens du XVI^e siècle**. Paris: Didier, 1859.
- MARTINET, André, **Le français sans fard**. Paris:1974, PUF.
- MILLS, Sara. **Language and sexism**. New York: Cambridge University Press, 2008.
- MINERVA, Nadia. **Femmes grammairiennes ? Les Lettres de Mademoiselle à Monsieur Professeur de Rhetorique [...] sur la Langue François (1756)**. , Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde. 2012. P. 47-48.
- MULLER, Bodo. **Le français d'aujourd'hui**. Paris: 1985, Klincksieck.
- PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XVI^e siècle**. Correspondance, v. 13, n. 4, 2008. Disponible en: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/bon-chic-bon-genre-a-la-page/la-grammaire-du-francais-au-xvie-siecle/>.
- Piron, Sophie. **La grammaire du français au XVII^e siècle**. Correspondance, v. 14, n. 1, 2008. Disponible en: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/pages-dhistoire-tendances-2008-2009/la-grammaire-du-francais-au-xviiie-siecle/>.
- PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XVIII^e siècle – 2^e partie**. Correspondance, v. 14, n. 3, 2009. Disponible en: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/variations-sur-la-quadrature-du-cercle/la-grammaire-du-francais-au-xviiiie-siecle/>.
- PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XIX^e siècle – 1^{re} partie**. Correspondance, v. 14, n. 4, 2009. Disponible en: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/renouveau-et-traditions/la-grammaire-du-francais-au-xixe-siecle-1re-partie/?action=genpdf&id=18514>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XXe siècle – 1re partie**. Correspondance, v. 15, n. 4, mai 2010. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/la-maitrise-de-la-langue-et-si-tout-le-monde-sy-mettait/la-grammaire-du-francais-au-xxe-siecle-1re-partie/?action=genpdf&id=18476>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XXe siècle – 2e partie**. Correspondance, v. 17, n. 1, outubro 2011. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/des-propositions-pour-renforcer-la-maitrise-de-la-langue-par-les-cegepiens/la-grammaire-du-francais-au-xxe-siecle-2e-partie/>.

QUARTARARO, Anne. **Women Teachers and Popular Education in Nineteenth Century France: Social Values and Corporate Identity at the Normal School Institution**. Newark: University of Delaware Press and Associated University Presses. 1995.

RABY, Valérie. **Claude Mauger, Grammaire française / French Grammar (1688)**: Édition critique. Valérie Raby. Classiques Garnier, 1, 2014. Grammaires françaises des XVIIe et XVIIIe siècles.

RAT, Maurice. **Grammairiens et amateurs de beau langage**. Paris: 1963, Michel.

ROGERS, Rebecca. **From the Salon to the Schoolroom: Educating Bourgeois Girls in Nineteenth-Century France**. University Park, PA: Pennsylvania State University Press, 2005.

SOMAIZE, Antoine Baudeau de. **Le Grand Dictionnaire des Pretieuses, historique, poetique, géographique, cosmographique, cronologique, & armoirique**. Paris: J. Ribou. 1661

SCHMITT, Christian. **Le français dans l'histoire du XVIIe siècle à nos jours**. In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlin: Gruyter, 2015. p. 40-71.

SWIGGERS, Pierre. **Grammaticographie**. In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlin: Gruyter, 2015. p. 525-555.

TELL, Julien. **Les grammairiens français depuis l'origine de la grammaire en France jusqu'aux dernières œuvres connues**. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1874.

TRÉSOR de la langue française informatisé : dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960). Versão informatizada. Nancy: ATILF - CNRS & Université de Lorraine, 1971. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>. Acesso em: 14 out. 2024.

VAUGELAS, Claude Favre de. **Remarques sur la langue françoise**. Paris: Vve J. Camusat et P. Le Petit, 1647.

VIALON, Marie F. Antoine Cauchie, **Grammaire française (1586)**. Texto latino original, tradução e notas de Colette Demaizière. In: Bulletin de l'Association d'étude sur l'humanisme, la réforme et la renaissance, n°55, 2002. p. 127-128.

VIENNOT, Éliane. **Non, le masculin ne l'emporte pas sur le féminin ! Petite histoire des résistances de la langue française**. Donnemarie-Dontilly, 2014.

WADE, Ira O. **Studies on Voltaire with Some Unpublished Papers of Mme du Châtelet**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1947.

WOLF, Heinz Jürgen. **Französische Sprachgeschichte**. Heidelberg, Quelle & Meyer. 1991.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
NÚCLEO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, Arielly de Assis Cruz, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A EVOLUÇÃO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA FRANCESA E A AUTORIA FEMININA foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e, ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Uberlândia, 23 de novembro de 2024.

Assinatura do(a) aluno(a) Arielly de Assis Cruz